



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA**

Jussânia Borges Corrêa

**“APRENDÊ DE CABEÇA”
A VIOLA CAIPIRA NAS FOLIAS DE REIS**

Brasília
2013

Jussânia Borges Corrêa

**“APRENDÊ DE CABEÇA”
A VIOLA CAIPIRA NAS FOLIAS DE REIS**

Monografia submetida à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, do curso de Licenciatura em Música do Departamento de Música da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina de Carvalho Cascelli de Azevedo.

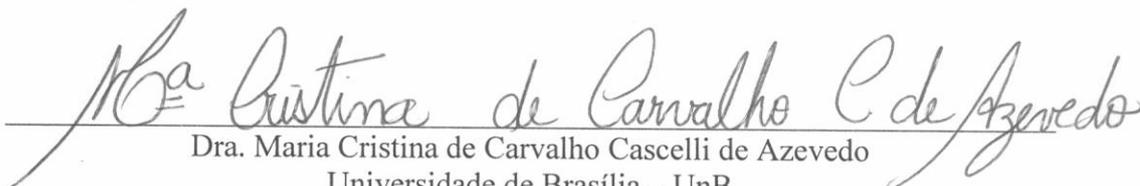
Brasília
2013

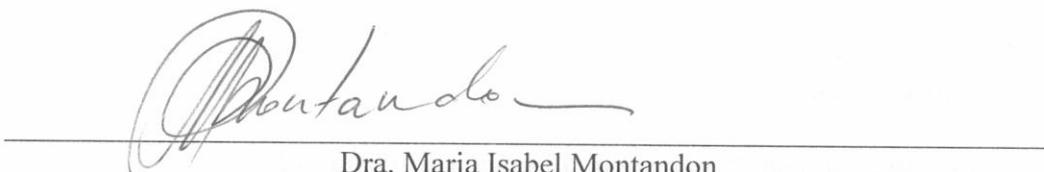
Jussânia Borges Corrêa

**“APRENDÊ DE CABEÇA”
A VIOLA CAIPIRA NAS FOLIAS DE REIS**

Monografia submetida à disciplina Trabalho de Conclusão de curso – TCC, do curso de Licenciatura em Música do Departamento de Música da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina de Carvalho Cascelli de Azevedo.


Dra. Maria Cristina de Carvalho Cascelli de Azevedo
Universidade de Brasília – UnB


Dra. Maria Isabel Montandon
Universidade de Brasília – UnB


Ms. Alexei Alyes de Queiroz
Universidade de Brasília – UnB

Brasília (DF), 19 de dezembro de 2013

Este trabalho é dedicado:

Em memória aos meus queridos pais Anna e Joaquim, aos meus avós
Amélia e José Elias, Inês e Sebastião, ao querido tio Oto, o violeiro
poeta que me incentivou nas modas de viola,
à amiga pianista Yara, que me convidava sempre a
tocar viola em sua casa,
ao “câmpião” (como dizia meu pai) menestrel amigo cantor defensor e
divulgador de nossas raízes culturais, Dércio Marques

À toda minha família, meus queridos irmãos (Maristela, Brígida e José
Elias), sobrinhos, tios, tias, primos e primas
À todos os amigos e seres viventes na natureza

Em especial a Deus, ao nosso querido mestre Jesus, e a todos os
mensageiros de luz enviados para ajudar na evolução do planeta Terra

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores do curso de Licenciatura em Música, pelas vivências e aprendizados proporcionados, e em especial à professora orientadora Maria Cristina de Carvalho Cascelli de Azevedo, com sua sabedoria e profissionalismo.

O apoio e ensinamentos valiosos do violeiro Marcos Mesquita, professor de Viola Caipira da Escola de Música de Brasília. O Sr. João, violeiro, compositor e lutiê da cidade que fabricou de forma artesanal minhas duas violas: a “Luzinha” e a “Pequizinha”

Músicos amigos de Minas Gerais valorizadores de nossa cultura raiz: Pereira da Viola, Fernando Guimarães, Rubinho do Vale, Josino Medina, Joaci Ornelas, Kátya Teixeira, João Arruda, Chico Lobo, Ivan Vilela, Carlos Rodrigues Brandão, João Bá, Lígia Jaques e Rogério Leonel, Titane, Daniel Lima e Juliana, Dete e Frank, Ingrid Weber, dentre outros.

I - Entrada
Meu patrão minha senhora,
Cum licença de meceis
Nóis chegemo aqui agora
Viemo nunciá o Santo Reis

II - Louvação
São José Virge Maria
Vai um jumentin também
Pirigrinamo os três
Nas istrada de Belém
O sinhô com sua Dona
Tem nessa casa um tisôro
Os filhos qui istão durmino
Vale mais qui prata e oro

Oi lá vai os Três Rei Mago
Cum a estrêla de guia
Visitano na capela
Visitano na lapinha
O Minimo qui nascia

III - Aleluia
Na palha o boi parou de remoer
O carneiro na eira mugiu
O burro levantou quando Jesus nasceu
E os pastores na guarda deram Glória a Deus
Aleluia... aleluia... aleluia
O cego viu o côxo caminhou
O mudo de nascença falou
Quando Jesus andou aqui
Jesus o Bom Pastor da casa de David
Aleluia... aleluia... aleluia

Noite de Santo Reis
Elomar Figueira Melo

RESUMO

A Folia de Reis é uma manifestação popular que envolve música e devoção. A viola caipira é um dos instrumentos característicos dessa festa religiosa bastante presente em várias regiões do interior do Brasil. Esta monografia foi desenvolvida com objetivo de investigar, sob o ponto de vista de violeiros foliões, as características do processo de aprendizagem e performance da viola no contexto da Folia de Reis. A pesquisa foi norteada por quatro objetivos específicos: investigar como os violeiros foliões percebem seu processo de aprendizagem na Folia de Reis, suas estratégias e formas de apropriação e transmissão de conhecimentos; identificar os significados que motivam essa aprendizagem; identificar formas de registro (gravados ou escritos) da performance da viola na Folia de Reis; investigar sobre a continuidade de transmissão, permanência e transformação do uso da viola nas Folias de Reis. Para buscar nas origens culturais e beber na fonte, realizei uma pesquisa de campo com observação participante e entrevistas semi-estruturadas, participando de um encontro de Folia de Reis em um povoado no interior do Triângulo Mineiro, localizado a 15 km de Uberaba, cidade considerada a capital da Folia de Reis do Brasil. As falas dos quatro violeiros foliões entrevistados são permeadas de significados, valores e emoções, e revelam um envolvimento pessoal em que, participar das folias vem de uma forte tradição que requer mais devoção, fé e comprometimento, do que ser um virtuose no instrumento. A oralidade está presente e a aprendizagem é informal, apesar dos violeiros foliões entrevistados acreditarem que o estudo mais aprofundado da viola caipira é importante.

Palavras-chave: viola caipira, folia de reis, aprendizagem informal, cultura popular, comunidade de prática

ABSTRACT

The Folia de Reis is a popular party which involves music and devotion. The viola is one of the characteristic instruments of this religious festival and it is present in several regions of the interior of Brazil. This monograph aimed to investigate under the point of view of its musicians (violetiros foliões), the characteristics of viola's learning and performance in the Folia de Reis context. The research was oriented by four specific objectives: to investigate how the folia's musicians (violetiros foliões) perceive their learning process in the Folia de Reis, their strategies and forms of ownership and transfer of knowledge; of viola's practice and in groups, their strategies, their interpreters, and their concepts; to investigate the meanings that motivate their learning; to identify forms of music registration (recorded or written) of viola's performance in the Folia de Reis; to investigate the continuity transmission, the storage and the transformation among them. To get in cultural backgrounds and "drink at the fountain", I conducted a field research with participant observation and semi-structured interviews, attending a meeting of Folia de Reis in a village in the interior of Triângulo Mineiro, located 15 km far from Uberaba, the capital of Folia de Reis in Brazil. The statements of the four interviewed viola's players are permeated with meanings, values and emotions, and reveal personal involvement which, attend the revelry comes from a strong tradition that requires more devotion, faith and commitment than to being a virtuoso on the instrument. Orality is present and the learning process is informal, despite the viola's players believing the viola's formal learning as an important issue.

Keywords: viola, revelry kings, informal learning, popular culture, the community of practice

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.- Kátya tocando viola de cocho.....	18
FIGURA 2 - Zé Côco afinando viola.....	19
FIGURA 3 - Dupla tradicional:viola e rabeca fabricadas por Zé Côco.....	20
FIGURA 4 - Violas: Luzinha e Pequizinha.....	20
FIGURA 5 - Brandão registrando chegada de folia na roça.....	23
FIGURA 6 - A Folia chegando no casarão.....	24
FIGURA 7 - Sr Inácio recebe a bandeira.....	24
FIGURA 8 - Devotinho passando por debaixo da bandeira.....	25
FIGURA 9 - Devotinho cantando folia com o pai.....	25
FIGURA 10 - Folião Xisto.....	25
FIGURA 11 - Toalha do folião.....	25
FIGURA 12 - Capa do DVD, logomarca do Festival.....	26
FIGURA 13 - Igrejinha do povoado.....	34
FIGURA 14 - Encontro de folia em Santa Rosa de Lima.....	34
FIGURA 15 - Chegando no encontro.....	34
FIGURA 16 - Menino com bandeira.....	34
FIGURA 17 - Participação feminina.....	34
FIGURA 18 - Apresentando as folias.....	34
FIGURA 19 - Platéia.....	35
FIGURA 20 - Foliões cantando.....	35
FIGURA 21 - Servindo almoço.....	35
FIGURA 22 - Devotos almoçando.....	35
FIGURA 23 - Passando pelos arcos dos Reis.....	36
FIGURA 24 - Antônio Carlos assistindo a passagem.....	36
FIGURA 25 - Antônio Carlos.....	36

FIGURA 26 - Grupo de folia com saxofone.....	37
FIGURA 27 - Tocando saxofone.....	37
FIGURA 28 - Puxando a cantoria.....	37
FIGURA 29 - Tocando na sombra.....	38
FIGURA 30 - Folia de Reis de Indianópolis.....	38
FIGURA 31 - Violeiro folião Placa com bandolim.....	39
FIGURA 32 - Companhia de Reis Quinta da Boa Esperança.....	39
FIGURA 33 - Folia do capitão Francisco.....	39
FIGURA 34 - Menino batendo caixa.....	40
FIGURA 35 - Foliões do grupo de Uberaba.....	40
FIGURA 36 - Francisco.....	40
FIGURA 37 - Beijando a bandeira.....	40
FIGURA 38 - Devoção de Ana, netinha de Francisco.....	40
FIGURA 39 - As fitas na viola.....	40
FIGURA 40 - A dupla “Os Triangulinos”: João e Zé Arruda.....	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 MINHA HISTÓRIA COM A VIOLA E A FOLIA.....	12
1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	14
1.2.1 Objetivo geral.....	14
1.2.3 Objetivos específicos.....	14
1.3 A VIOLA CAIPIRA.....	15
1.3.1 Características da viola no Brasil.....	17
1.3.2 Lutierias.....	19
1.4 A FOLIA DE REIS.....	22
2 PESQUISAS E ESTUDOS.....	27
2.1 APRENDIZAGEM INFORMAL E COMUNIDADES DE PRÁTICA.....	27
2.2 A FOLIA: COMUNIDADE DE PRÁTICA.....	28
2.3 VIOLA CAIPIRA: PERFORMANCE E APRENDIZAGEM.....	29
2.4 FOLIA DE REIS E VIOLA: IMPORTÂNCIA CULTURAL.....	30
3 PESQUISA DE CAMPO: o estar entre foliões.....	32
3.1 ENCONTRO DE FOLIA: o contato e a entrada no campo.....	33
3.1.1 Sujeitos da pesquisa - violeiros.....	38
4 CONVERSA COM OS FOLIÕES.....	42
4.1 A FOLIA DE REIS - IDENTIDADE CULTURAL.....	42
4.2 COMUNIDADE DE PRÁTICA - A FOLIA E O GRUPO.....	43
4.2.1 Participação de crianças, jovens, e mulheres.....	46
4.3 A FOLIA: SIGNIFICADOS E CONCEPÇÕES DOS VIOLEIROS FOLIÕES.....	48
4.4 VIVÊNCIA MUSICAL - CONTATO COM A VIOLA.....	51
4.5 APRENDIZAGEM E PERFORMANCE DA VIOLA NA FOLIA.....	54
4.5.1 Modo de aprendizagem.....	55
4.5.2 Performance.....	57
4.5.3 Ensaios.....	60
4.5.4 Registros.....	61
4.6 MUDANÇAS ATUAIS – FOLIA ONTEM E HOJE.....	63
5 BREVE DISCUSSÃO.....	67
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73
APÊNDICE A - MODELO DE TABELA: REVISÃO DE LITERATURA.....	76
APÊNDICE B - PARTITURAS DE FOLIA E AFINAÇÕES DE VIOLA.....	77
APÊNDICE C - CAPA DVD 4 FOLIAS E CAPA DE CD.....	88
APÊNDICE D - LISTA DE CATEGORIAS.....	89
APÊNDICE E - CAMISETA E CERTIFICADO.....	91

1 INTRODUÇÃO

1.1 MINHA HISTÓRIA COM A VIOLA E A FOLIA

*Cachoeira zoa, no quebrar da barra
Saracura canta, na beira do rio
A coruja dorme, lá no pé da serra
Patativa brinca, no pendão do milho.
Borboleta branca, nas flores do vale
Pende o pensamento, pro lado do amor
Gotas de orvalho, nas teias de aranha
Brilham na lembrança, do interior*

Flores do Vale
João Bá e Dércio Marques
(MARQUES, s/d)

Esta cantiga retrata um universo comum a diversas famílias que moram na roça. Minha mãe e seus doze irmãos nasceram em uma região rural aos arredores da cidade Água Comprida que se localiza próxima à Uberaba, antiga cidade do Triângulo Mineiro. Mamãe contava que as festas de casamento na roça, eram dançantes durando três dias ao som de instrumentos como viola e rabeca. Lembro de mamãe contando também que, seu pai, o vovô José Elias, tocava viola e batia o compasso com o dedão do pé.

Na época do Natal, os grupos de Folias de Reis andam cantando a história do nascimento do menino Jesus e a visita dos três reis magos. Na minha família cresci vendo os grupos de Folias de Reis que visitavam nossa casa em Uberaba, e o que mais me impressionava, era o som do tambor (caixa) batendo forte reverberando no meu coração e na minha memória. Em férias na roça, à luz de lamparina recebíamos os foliões viajantes que batiam uma prosa com meus pais depois da cantoria, comendo um lanche que mamãe oferecia. É costume oferecer um lanche para os foliões e doar esmola para a bandeira para a festa de reis no dia 6 de janeiro. Da minha infância guardo a lembrança de Festa de Reis na cidadezinha Água Comprida, perto da roça, em que eram servidas fileiras de latas grandes com doces caseiros tradicionais variados como doce de mamão verde, doce de talo de mamão, doce de cidra, doce de abóbora, goiabada, doce de leite, doce de casca de laranja da terra, doce de coco.

O ambiente familiar foi importante na minha identificação com as folias. Até hoje me emociona as performances cheias de religiosidade e saber popular que se

manifestam, por exemplo, nas várias vozes “casadinhas” que variam de um registro grave ao agudo.

A folia marcou também minha trajetória pessoal na figura de meu pai Joaquim, jornalista e escritor que produziu, em Uberaba (BORGES, década de 70), um curta-metragem pela EMBRAFILME, denominado “Tradição de Folia de Reis no Brasil Central”. O documentário, transmitido nas telas dos cinemas brasileiros, antes dos filmes em cartaz, apresenta a Folia e discute sua preservação como patrimônio cultural popular e regional. Da minha vivência familiar aos estudos acadêmicos, a Folia se manteve presente e temática de interesse.

Em fins da década de 80, desenvolvi monografia sobre “A interferência da questão da Terra na formação da cultura brasileira de raiz”, quando estudante da UFRRJ. Nesse estudo pesquisei dois encontros de cultura popular no Vale do Jequitinhonha (MG): A Semana de Cultura de Capelinha e o FESTIVALE - vale, vida, verde, verso e viola - Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha.

Minha aprendizagem da viola caipira diferencia um pouco da forma intuitiva que observo nos grupos de Folia. Iniciei meus estudos na viola, principalmente, por exercícios técnicos de mão direita e de mão esquerda, leitura musical em partitura, escalas, acordes harmônicos, ritmos caipiras, bem como, a execução de músicas aprendidas auditivamente sem o uso de partituras. Tocar músicas de Folias faz parte desse aprendizado e vai ao encontro da minha vivência musical e cultural. No entanto, percebo uma grande diferença entre o meu aprendizado e o aprendizado dos foliões, que aparentemente aprendem na prática, na festa. Apesar de muitos serem violeiros e tocarem em outros contextos, na Folia de Reis eles têm uma outra motivação ligada a festa, ao grupo musical, ao ritual da folia e à devoção.

Minha vivência pessoal e o interesse em conhecer as características do processo de aprendizagem da viola no contexto da Folia de Reis motivaram este estudo. Nesse sentido, questiono como os violeiros foliões percebem seu processo de aprendizagem na Folia de Reis, suas estratégias e formas de apropriação e transmissão de conhecimento? Que significados motivam essa aprendizagem? Que tipo de registro da performance na viola eles desenvolvem? Existem mudanças na continuidade de transmissão, permanência e transformação do uso da viola nas Folias de Reis?

1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

1.2.1 Objetivo geral

Investigar, sob o ponto de vista de violeiros foliões, as características do processo de aprendizagem e performance da viola no contexto da Folia de Reis.

1.2.2 Objetivos específicos

- Investigar como os violeiros foliões percebem seu processo de aprendizagem na Folia de Reis, suas estratégias e formas de apropriação e transmissão de conhecimentos;
- Identificar os significados que motivam essa aprendizagem;
- Identificar formas de registro (gravados ou escritos) da performance da viola na Folia de Reis;
- Investigar sobre a continuidade de transmissão, permanência e transformação do uso da viola nas Foliias de Reis.

A seguir apresento a Viola Caipira e as Foliias de Reis no Brasil, os conceitos sobre aprendizagem informal e comunidades de prática, trazendo os autores que constituem o referencial teórico deste trabalho, seguindo da descrição da pesquisa de campo, seus resultados e considerações finais. As imagens em fotografias apresentadas são, em maior parte, oriundas do trabalho de campo para ilustrar os temas abordados e complementar os dados das observações realizadas. Na realização deste trabalho foram entrevistados quatro violeiros em um encontro de Folia de Reis.

Esta pesquisa pretende contribuir com os estudos sobre aprendizagem informal, em grupos que constituem uma comunidade de prática, dentro de manifestações da cultura brasileira de raiz.

1.3 A VIOLA CAIPIRA

*São Paulo é uma roseira
E o tronco tá no interior
Se um dia o tronco secar minha gente
Roseira não dá mais flor*
(OLIVEIRA, 2004, p.26)

Este significativo verso de catira cantado com viola na cidade de Piracicaba, interior de SP, transcrito e mencionado na dissertação “O Tronco da Roseira” de Oliveira (2004), representa bem a importância da viola caipira e sua raiz interiorana.

A viola caipira veio com os Portugueses, nos navios que aqui chegaram para a colonização, e foi se espalhando por todo Brasil em diversas formas de construção e afinações. Este instrumento sempre esteve presente em várias manifestações culturais, com variedades de ponteados e ritmos que foram sendo criados por violeiros, por meio de um processo de hibridização (VILELA, 2008-2009).

Segundo Canclini (2008, p.22) o processo de hibridação pode ocorrer pelo “resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional. Mas, freqüentemente, surge da criatividade individual e coletiva”.

Budasz (2004) coloca que negros tocadores de viola já aparecem no teatro ibérico durante a segunda metade do século XVI. Esse autor estuda a música do tempo de Gregório de Mattos, música ibérica e afro-brasileira na Bahia dos séculos XVII e XVIII, e menciona a colocação de que o poeta Gregório de Mattos cantava acompanhando-se de uma viola que fizera de cabaça (que ainda hoje é tocada em regiões do Brasil). Budaz (2004) destaca diferentes ritmos em suas palavras: “A pavana, a sarabanda e o saltarello eram danças de corte familiares aos tocadores de viola ibéricos e latino-americanos da época de Mattos. A primeira de caráter nobre, e as outras de andamento mais vivo” (BUDASZ, 2004, p.23). Na Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Portugal, estavam presentes instrumentos como a viola de taboa, rebeca de coco, pandeiros, pedras, assobio, berimbau. O duo viola e rabeca é mostrado aqui em outro trecho citado pelo autor: “Em Lisboa, o Cumbe aparece dançado por negros na Festa do Rosário da Igreja do Salvador, acompanhados por violas, rebecas, fazendo uma ‘bem concertada dissonância’, como descrevia o Folheto de *Ambas as Lisboas* em 1730” (BUDASZ, 2004, p.31).

No Brasil, a viola está presente em diversas manifestações tradicionais da cultura popular, como a dança de São Gonçalo, as Folias de Reis, a festa do Divino, o cateretê, os desafios, o fandango, o cururu, a catira, a moda de viola, a toada, o samba de roda e o rasqueado, compondo uma riqueza de diversidade de estilos e sotaques (SOUZA, 2005). É, por excelência, um instrumento musical do meio rural, que traduz formas lúdicas de socialização, difundido em todo país (MESTRES DA VIOLA, 2011).

Araújo (1958/1959) informa que em 1870, tropeiros de estradas do Rio Grande do Sul a São Paulo, contavam que nunca viram seus peões e camaradas viajarem sem sua viola, quase sempre conduzida dentro de um saco, amarrada à garupa de seu animal vaqueano. Não havia pouso, que após o trabalho do dia, não tocassem antes de dormir o sono reparador. Os tocadores, na maioria das vezes, estabelecem relação com estes instrumentos na infância, e no decorrer da vida vão aprimorando, dominando as técnicas necessárias para se integrarem nas funções musicais de sua comunidade.

Os violeiros compositores Roberto Corrêa (2000) e Ivan Vilela (2008-2009) fazem um estudo sobre a viola desde sua origem até os dias atuais em nosso país. Vilela, tendo por bases teóricas principais, Tinhorão, Oliveira e Matos, informa que foram muitas as transformações pelas quais a guitarra latina passou até chegar à viola. As nossas violas descendem das violas portuguesas, resultando no fato de nossos violeiros aliarem o requinte dos ponteados trazidos de Portugal aos variados toques e ritmos nascidos no Brasil.

Vilela (2008-2009) destaca a versatilidade da viola informando, por exemplo, que, depois do giro de uma Folia de Reis, antes de dormir, a música passa da função sagrada para profana, são cantados romances (modas-de-viola, tiranas) e alguns desafios entre participantes (repentes, calangos e cururus).

Leandro (2011) afirma que a linguagem poética e a linguagem musical nunca estão dissociadas. Esse autor aborda a moda-de-viola caipira como um gênero lírico-narrativo de temática rural. Ele investiga a moda-de-viola como um sistema que conjuga, simultaneamente, texto poético e forma musical cujas características musicais e literárias aproximam-na das narrativas fundadas na tradição oral, como a poesia épica e as cantigas do Romancelero Ibérico. Uma característica comum e quase intuitiva no meio rural é a presença do dueto. Na maioria das manifestações populares, ocorrem duas vozes entoadas em terças e sextas. A moda de viola é cantada em dueto e considerada o gênero mais nobre da música caipira, apoiada na batida ou ponteio de

viola ela canta os amores, sagas, causos, tragédias, acontecimentos, comparada aos romances medievais, cumprindo muitas vezes o papel de imprensa do sertão (LEANDRO, 2011). O ponteio da viola esteve sempre ligado à oralidade.

Diversas duplas representantes da música caipira se formaram no Brasil, entre elas destacam-se: Zé carreiro e Carreirinho, Tonico e Tinoco, Vieira e Vieirinha, Cacique e Pajé, Pedro Bento e Zé da Estrada, Liu e Léo, Zico e Zeca, Cacatinha e Inhana, Irmãs Galvão, Tião Carreiro e Pardinho, Pena Branca e Xavantinho, Zé Mulato e Cassiano, dentre outras grandes duplas (CORRÊA, 2000).

Um número grande de violeiros vem atuando nas últimas décadas, muitos deles com trabalhos inovadores, com vários Cds gravados, a maior parte de forma independente. Alguns nomes como, no estado de Minas Gerais: Renato Andrade, Tavinho Moura, Pereira da Viola, Chico Lobo, Josino Medina, Joaci Ornelas, Ivan Lilela, Zé Côco do Riachão, Badia Medeiros; no estado de São Paulo: Braz da Viola, Fernando Deghi, Paulo Freire, Milton Edilberto, João Arruda, Renato Teixeira, Levi Ramiro, Rolando Boldrin; no Distrito Federal: Marcos Mesquita, Roberto Corrêa, Aparício Ribeiro, João Advogado, Chico Nogueira; no estado do Mato Grosso: Almir Sater, Helena Meirelles; Rogério Gulin no Paraná, dentre vários outros nomes por todo país.

As duplas caipiras e violeiros do Brasil encontram espaço em alguns programas de TV que valorizam nossas raízes culturais: o “Som Brasil”, TV Globo na década de 80, era apresentado pelo músico Rolando Boldrin e depois pelo ator Lima Duarte; “Senhor Brasil” passado pela TV Minas, Sesc TV, TV Brasil, apresentado por Rolando Boldrin; “Viola Minha Viola” que é apresentado por Inesita Barrozo pela TV Cultura e TV Brasil; “Arrumação”, apresentado por Saulo Laranjeira pela TV Minas; Saulo Laranjeira também apresentou pela TV Brasil no ano de 2009 vinte e sete séries específicas sobre a viola caipira no Brasil no programa “Nos Braços da Viola”.

1.3.1 Características da viola no Brasil

A viola Caipira é um instrumento menor que o violão e suas dez cordas são dispostas aos pares. Os dois primeiros pares, começando de baixo para cima, são afinados em “uníssonos” e os outros em “oitavas”. No Brasil encontramos vários tipos de afinações diferentes para a viola, e são conhecidas por nomes regionais, alguns

como: cebolinha, cebolão, boiadeira, rio-abaixo, guitarra, natural, paulistinha, castelhana, riachão, rio-acima, oitavada, cana verde, quatro-pontos, serra-acima, tempero-mineiro, temperão, guaianinho, guaianão, nordestina, vencedora, conselheira, paraguaçu, pelo-meio, por-cima, pelas-três, para-reza, sobre-requinta, corda-solta, do sossego, pontiado-do-Paraná (CORRÊA, 2000; ARAÚJO, 1958/1959).

A afinação Cebolão é muito usada, principalmente a afinada em Mi: si, mi, sol sustenido, si, mi. Esta afinação é considerada boa para sapateado, por isso mesmo é a preferida pelos catireiros, xibeiros, catereteiros e fandangueiros. No nordeste, é comum encontrar: mi, si, sol, ré, lá e si, fá, ré, lá, mi (ARAÚJO, 1958/1959).

Em nosso país, a viola se firmou principalmente no Nordeste, com o nome de Viola Sertaneja, e na Região Centro Sul, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, com o nome de Viola Caipira. Em cada região, a viola recebe nomes diferentes como: viola de pinho, viola cabocla, viola serena, viola de arame, viola chorosa, viola cantadeira, viola de Queluz, viola de 10 cordas, viola nordestina, viola de fandango, viola de feira, viola branca, viola pantaneira, viola campeira, viola brasileira, viola de folia, viola de repente, dentre outros (CORRÊA, 2000; VILELA, (2008-2009).

A viola, no Brasil, manteve sua estrutura básica de cinco cordas duplas, apesar de antigamente se fabricarem instrumentos com maior número de cordas. Conforme as adaptações às especificidades de cada região surgiram também outros tipos de viola: a de buriti, a de cocho, a de cabaça e a de bambu (ANDRADE, 2009). A viola de cocho, construída no estado do Mato Grosso, por exemplo, é feita entalhando uma madeira inteira, semelhante ao cocho, local onde o caipira coloca comida para os animais de sua criação. Na imagem a seguir (figura 1), vemos uma viola de cocho construída por um artesão do MT sendo tocada pela cantora pesquisadora Kátya Teixeira:

Figura 1 – Kátya tocando viola de côcho



Fonte: foto de Stela Handa

1.3.2 Lutierias

As fábricas de viola e as lutierias artesanais estão espalhadas pelo país. O lutiê Deny de Paula Silva, de Uberaba, por exemplo, retrata no encarte de seu CD *Eu e Minha Viola*, a sua função de violeiro e construtor do instrumento: “Estas 18 músicas, de minha autoria, são cantadas e acompanhadas por mim com a viola que eu mesmo fiz” (SILVA, 2011).¹

De modo geral, os lutiês são violeiros atuantes e se orgulham em tocar a viola caipira fabricada por eles. Alguns desses artesãos se tornaram conhecidos nacionalmente como, por exemplo, Zé Côco do Riachão, de Montes Claros-MG, considerado por alguns como o “Beethoven do sertão”. Ele narra que no momento em que tinha acabado de nascer, chegou uma folia na sua casa. Começou na folia com 8 anos de idade e nunca faltou um ano. O músico toca viola caipira e rabeca (RIACHÃO, s/d).

Figura 2 – Zé Côco afinando viola



Fonte: (RIACHÃO, CD s/d)

¹ Assim como ocorre com a maioria dos trabalhos ligados à viola caipira, esse CD contém músicas que passam mensagens da vida no interior, e seu amor pela natureza, como: *Primaveras da Vida*, *A voz da Natureza*, *Hoje eu Senti Saudade*, *Despedida de Carreiro*, *Viola Pioneira*, *Raiz*, *Rio da Prata*, *Nova Semente*, *Teu Caminho me faz Bem*, *Moradia de Caboclo*.

Figura 3 – dupla tradicional: viola e rabeca, fabricadas por Zé Côco do Riachão



Fonte: (RIACHÃO, s/d)

Na cidade satélite Taguatinga no Distrito Federal, o músico compositor Sr. João Advogado, que compõe a dupla: Advogado e Engenheiro, pai e filho, fabrica também violas caipiras na luteria Aden Violões. A imagem a seguir apresenta duas violas fabricadas pelo Sr João. Na viola à esquerda, ele usou para o corpo a madeira do pé de cedro, e na da direita, o braço da viola foi confeccionado com a madeira do pé de pequi, árvore nativa do Cerrado.

Figura 4 – Violas: *Luzinha* e *Pequizinha*



Fonte: Fotos da autora

A vocação violeira vem conquistando também as novas gerações. Na fazenda Soledade, por exemplo, no município de Barões de Cocais em Minas Gerais, o projeto “Lutiê, Arte, Ofício e Cidadania” foi criado em 2006, com objetivo de atender crianças e jovens de baixa renda, alguns a beira do risco social. Sua iniciativa resultou na primeira orquestra do Brasil em que os músicos tocam e fabricam os próprios instrumentos, e são aplaudidos com muito sucesso. As violas caipiras são totalmente feitas com madeiras de reflorestamentos, por questão ambiental não se usa a madeira nativa (NOS BRAÇOS, 2009). É também por meio de projetos deste tipo que a tradição de viola vem se renovando no Brasil.

1.4 A FOLIA DE REIS

Lapinhas e Catira

Os jovens palmeiam na sala uma catira
 e as moças prendem brincos entre as tranças.
 As velhas tirem um terço entre benditos
 Com lentos ritos de crença e de poesia.
 À volta da mesa e à volta do terreiro
 comem todos juntos a mesma comida
 E entre todos trocam bens e bênçãos.
 Solidários foliões dos fundos de Minas
 Em vigília de memórias a noite inteira.
 Afinal, se diz, se crê, um Deus nasceu um dia
 E um menino de novo está nascendo
 Ali, aqui, então e agora, e agora é sempre.
 Solenes devotos roceiros de Santos Reis
 Arautos de uma pequena estória sempre igual:
 Eles viram, uma estrela, viram e vieram vindo
 E acharam um menino na Lapinha...
 Um conto de fadas igual a tantos
 Com bichos e bruxos, magos e pastores
 Um casal e seu filho...uma promessa.
 Uma estória que se canta e rememora
 E por quem os dias ganham nomes
 E lá naquele tempo, como agora
 O inverno é de novo a primavera

Poema de Carlos Rodrigues Brandão (PESSOA, 2007, p. 191)

A Folia de Reis é uma manifestação popular que veio para o Brasil junto com os Portugueses e canta a história dos Três Reis Magos que caminham seguindo a estrela de Belém para visitar o menino Jesus em seu nascimento. É considerada uma manifestação cultural, folclórica, social e religiosa que reproduz essa peregrinação (BORGES, década de 70). Este culto aos reis magos proliferou-se por muitos países, e o título de reis foi dado no século III. Os nomes e locais de origem de cada rei foram definidos apenas 800 anos após o nascimento de Jesus, ou seja, Melchior, rei da Pérsia; Gaspar, rei da Índia e Baltazar, rei da Arábia. Estes foram legitimados pela devoção coletiva (50 ANOS, 2008).

Intimamente ligada às festas do Ciclo de Natal, as Foliás de Reis são comemorações de cunho católico. Suas origens acompanham as referências traçadas para festas natalinas que só começaram a ser celebradas oficialmente em 25 de dezembro no ano de 376, por ordem do Papa Júlio I. Em Roma este dia era dedicado às comemorações ao deus Sol dos povos pagãos (50 ANOS, 2008).

A Folia de Reis preserva uma herança social familiar, e permite aos foliões se tornarem representantes dos reis magos, o que possibilita aos visitados pela Folia, exercer devoção, fé, cordialidade e respeito pelo grupo mensageiro. Na vivência desta prática, foliões e devotos constroem cerimônias e rituais sagrados, reforçam suas identidades e relações uns com os outros. Coroar os festeiros para o próximo ano é parte da cerimônia.

No giro da Folia, que por tradição ocorre principalmente na época de Natal, os foliões “cumprem a missão” viajando de casa em casa, numa espécie de romaria entre vizinhos, parentes e moradores da redondeza, comemorando o nascimento de Jesus. Permanece sempre imutável a canção de chegada, quando o capitão (líder da folia) pede permissão ao dono da casa pra entrar e a canção da despedida agradecendo a acolhida. As fotos a seguir, mostram um exemplo de chegada de Folia na fazenda do Sr. Inácio, no município de Santa Rita de Caldas, sul de Minas Gerais, ocorrida em fevereiro de 2010:

Figura 5 – Brandão registrando chegada de folia na roça



Fonte: Fotos da autora

Figura 6 – A folia chegando no casarão

Fonte: Fotos da autora

Figura 7 – Sr. Inácio recebe a bandeira

Fonte: Fotos da autora

Antônio Carlos Marques, pesquisador de Cultura Popular Uberabense, expressa bem sobre essa manifestação cultural:

Remanescentes de Portugal, as Folias de reis vêm atravessando décadas numa demonstração de força e vida da Cultura popular. A tradição se faz presente em diversas regiões mantendo sempre a linha de cunho religioso, entremeada de rituais e melodias determinantes desse mundo misterioso e encantado das festas de Reis, que marcam não só a simplicidade, mas também a solidariedade de todos que delas participam (FOLIAS DE REIS, 1996, p. 01).

No Brasil, a Folia carrega uma mescla étnica e cultural vinda de características europeias, indígenas e africanas, em constantes re-interpretações. As folias de reis costumam ser composta por grupos de 8 a 12 pessoas. Na frente da folia a “bandeira” é levada pelo alferes representando a guia que é entregue ao dono da casa, antes da folia entrar. A bandeira tem a imagem da sagrada família: Nossa Senhora, São José e o menino Jesus. Em algumas folias, aparece na frente o folião vestido de palhaço com máscara, simbolizando a função de distrair e desviar os soldados de Herodes que queriam matar o recém nascido menino Jesus. Tradicionalmente, os foliões trazem uma toalha branca no ombro com símbolos, bordados e pinturas, para serem reconhecidos durante as andanças, o que indica a missão a cumprir. Os instrumentos são enfeitados com fitas e flores. As rosas representam bênção de Deus (50 ANOS, 2008).

Algumas características das Folias são mostradas nas imagens a seguir registradas em janeiro de 2012, na ocasião de uma chegada de folia na roça, Companhia

de Reis Sertãozinho (MG), em uma moradia localizada dentro de uma Reserva de Cerrado, ao lado da cidade satélite do Distrito Federal, Riacho Fundo I.

Figura 8 – Devotinho passando por debaixo da bandeira



Fonte: Fotos da autora

Figura 9 – Devotinho cantando folia com o pai



Fonte: Fotos da autora

Figura 10 – Folião Xisto



Fonte: Fotos da autora

Figura 11 – Toalha do folião



Fonte: Fotos da autora

A viola caipira é um instrumento importante nos grupos de Folias de Reis. Tradicionalmente, é acompanhada principalmente pelo adufe (pandeiro) e a caixa (tambor de folia), variando os outros instrumentos entre, violão, cavaquinho, sanfona, bandolim, rabeca, chocalho, reco-reco (MARCHI, 2002).

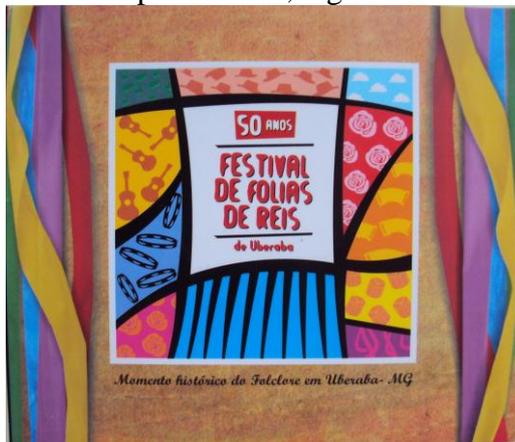
De acordo com vários guias, os instrumentos essenciais são a viola, a caixa e o pandeiro. Segundo narrou-me o guia Evaristo Torquato da Silva (Uberaba/MG) isso se dá porque cada Rei Mago tocava um destes instrumentos: o Rei Gaspar, a viola, o Rei Belchior, caixa e o Rei Baltazar, pandeiro (CORRÊA, 2000, p.66).

A maioria das Folias costuma ter de 6 a 7 vozes na cantoria. O capitão inicia os versos que são repetidos pelos foliões: 2ª e 3ª vozes (alguns conhecem por contraltos) repetem a frase inteira; 4ª e 5ª vozes entram na metade dos versos cantando uma oitava acima; a 6ª voz (chamada requinta ou tala) entra no final cantando bem fino, como um grito (50 ANOS, 2008).

Em cidades e arraiais do Triângulo Mineiro, assim como em outras regiões de Minas e do Brasil, acontecem encontros de Folias de Reis, onde se reúnem diversos grupos. Principalmente, no dia 6 de janeiro de cada ano, que é o Dia de Reis, dia estabelecido para a tradicional Festa de Reis, reúnem-se as Folias que fazem o giro do círculo de natal em cada região. Nessas festas as Folias cantam o tempo todo até chegar à frente do presépio montado do nascimento de Jesus (50 ANOS, 2008).

Uberaba, cidade do Triângulo Mineiro, concentra o maior número de Companhias de Reis do país. É considerada capital de Folia de Reis do Brasil, e todos os anos acontecem Encontros de Folias de Reis, com participação de diversos grupos de folias. Desde 1952, por iniciativa da famosa dupla Toninho e Marieta que comandava o programa de rádio “A Hora do fazendeiro”, as folias passaram a atingir a população também pelo veículo de comunicação de massa. E em 1958, essa dupla fez surgir o 1ª Festival de Folias, que se estabeleceu no calendário da cidade. Segundo documentário realizado no ano de 2008, o DVD 50 anos de Festival de Folia de Reis de Uberaba, organizado pela Fundação Cultural de Uberaba, existia, naquele ano, em torno de 160 grupos de Folias de Reis, alguns com quase 200 anos de existência (50 ANOS, 2008).

Figura 12 - Capa do DVD, logomarca do Festival



Fonte: (50 ANOS, 2008)

A Folia de Reis é um rico patrimônio cultural que sobrevive graças à resistência de grupos sociais que lutam para preservar a sua identidade cultural.

2 PESQUISAS E ESTUDOS

Para a realização desta pesquisa foi investigado principalmente três campos de conhecimento: Aprendizagem informal; Viola Caipira; e Folia de Reis. A partir desses termos como palavras chaves foi realizada uma busca de material em bancos de dados de Universidades, bibliotecas digitais e sites na internet. Os trabalhos encontrados e lidos foram organizados dentro de uma tabela de revisão de literatura (APÊNDICE A).

Esses trabalhos abordam estudos antropológicos, sociais, históricos, musicais de aprendizagem informal dos músicos populares, o conceito e a aprendizagem em comunidades de prática, além do universo sobre a Viola Caipira e as Folias de Reis.

2.1 APRENDIZAGEM INFORMAL E AS COMUNIDADES DE PRÁTICA

No conceito de aprendizagem informal colocado por Green (2008), tirar de ouvido, aprender por imitação, a prática, a convivência e o aprender fazendo são enfatizados, ocorrendo o desenvolvimento da escuta e da capacidade de recriação musical através dos gostos dos participantes do processo. Dentro deste processo valoriza-se a criatividade e a improvisação.

Em estudos de Lacorte e Galvão (2007), sobre o processo de aprendizagem informal, coloca-se que, junto com esse processo há o prazer de aprender o instrumento, uma atividade quase lúdica exercida quando se tem vontade, onde durante os ensaios se discute harmonia e conhecimentos que os músicos aprendem fora de aulas tradicionais. Nesse processo, eles se mostram criadores e pesquisadores de sua própria aprendizagem.

Baseada no teórico Etienne Wenger (1998), Russell (2006), nos diz que comunidades de prática são ambientes de aprendizagem que se sobrepõem e são interdependentes.

(...) a teoria de Wenger (1998) explica que o objetivo da aprendizagem é vivenciar o mundo e engajar-se com ele de uma forma significativa. Aprendemos na comunidade com os outros quando estamos engajados em atividades *significativas* que são valorizadas pelas pessoas que nos são importantes (RUSSELL, 2006, p.9).

Russell (2006) aborda a música e a educação musical dentro de experiências socioculturais, e mostra a importância de valorização das culturas tradicionais de todos os povos. A autora chega a conclusões que se adaptam a qualquer grupo social e destaca que: somos seres inerentemente musicais, sendo importante pertencer a uma comunidade de prática; o significado, a identidade e os valores são criados em comunidades e devem fazer parte do pensamento a guiar pedagogias e conteúdos curriculares.

Araújo e Torres (2009) apresentam o conceito de “comunidade de prática” do teórico Etienne Wenger relacionando com o evento musical tradicional “Canja de Viola”, realizado há mais de 20 anos na cidade de Curitiba. Comunidade de prática são grupos que compartilham um mesmo interesse por algo que fazem e aprendem a melhorar com a interação regular. Nesse estudo de caso, as autoras utilizaram dois instrumentos de coleta de dados em campo: entrevistas e observação participante. Nele foi possível constatar que o evento Canja de Viola é, de fato, uma comunidade de prática musical, um espaço de aquisição e criação de conhecimento, no qual a aprendizagem e prática da música ocorrem de forma mais significativa, por ser contextualizada.

2.2 A FOLIA: COMUNIDADE DE PRÁTICA

Tendo como base os conceitos acima, pode-se dizer que os grupos de Folias de Reis caracterizam-se como comunidades de prática, onde existe uma relação, muitas vezes familiar, entre os componentes, com participação também de crianças e jovens. Este pertencimento a uma prática grupal influencia positivamente na formação destas crianças e jovens. Cislighi (2011) discorre sobre a importância de grupos musicais que tem uma função comunitária, promovendo um amplo envolvimento social para seus integrantes, permitindo afastar crianças e jovens da marginalidade e ter uma melhoria na qualidade de vida, desenvolvendo a convivência em grupo, a disciplina e a responsabilidade.

Em uma experiência de formar grupo musical com classes populares, Lima (2000), afirma que este procedimento fez aumentar a auto-estima dos participantes e a

valorização de sua capacidade criativa musical, provando como a música colabora no processo de transformação da agressividade em criatividade.

Em grupos musicais como as Folias de Reis, observa-se grande devoção e interação entre integrantes do grupo e toda a comunidade participante desta manifestação de nossa cultura popular.

No livro *Sacerdotes da Viola*, do antropólogo educador Carlos Rodrigues Brandão (1981), o autor ao acompanhar por vinhedos e milharais os Foliões de Santos Reis no interior de MG, observa os rituais de trocas de bens, dons e bênçãos, e investiga esses serviços como símbolos da sociedade camponesa. Brandão (1981) acredita que as falas mais precisas de se ouvir são as da gente do povo em festa, em dança, em reza. Segundo Brandão (1981), quando um grupo de foliões migra para a periferia da cidade e repete o que fazia na roça de onde veio, alguma coisa se perde, como: o espaço social camponês, a disponibilidade do tempo de jornada dos foliões, pois se tornam empregados, restando pedaços de tempo para dedicação aos rituais e a Santos Reis; e a integridade do sistema agrário, de trocas e dádivas como formas de posse e de uso de bens não compatíveis com a cidade.

A mudança do homem do campo para a cidade modifica o seu fazer cultural, visto que encontra outra realidade a qual tem que se adaptar. Os grupos de Folias de Reis têm importância nessa manutenção e criação de vínculo cultural entre pessoas que compartilham gostos musicais e devoção em Santos Reis. A cultura é reinventada e adaptada através da formação de novos espaços que se constituem muitas vezes em comunidades de prática.

2.3 VIOLA CAIPIRA: PERFORMANCE E APRENDIZAGEM

Oliveira (2004) estuda em sua dissertação violeiros e gêneros musicais relacionados à viola muito comuns em Piracicaba, interior de SP, como o cururu e a moda-de-viola. O autor destaca algumas questões sobre a prática musical e sua relação com o contexto social e as formas locais de construção da história, em que tradição e modernidade são confrontadas. O trabalho privilegiou dois grupos de violeiros, aqueles ligados à prática do cururu, forma de canto improvisado bastante comum na região do Médio Tietê, e os estudantes de viola caipira que frequentam um curso oferecido pela

prefeitura de Piracicaba. O pesquisador observou a apropriação da viola em contextos musicais diferentes, apontando características sobre o instrumento e suas musicalidades.

Em entrevistas com violeiros ligados à prática do cururu, Oliveira (2004) destaca que eles mencionam sempre a expressão “tocar de ouvido”, ninguém ensina ninguém, o sujeito tem que aprender olhando e ouvindo os outros, e consideram como sendo a maior virtude de um violeiro, saber todas as batidas dos ritmos caipiras, e para isso, precisam também ter o “Dom de Deus”. “Esse auto-aprendizado, no discurso dos violeiros, passa também pela posse de um dom dado por Deus: não é qualquer um que aprende sozinho, é preciso ter dom para isto, e este dom vem de Deus” (Oliveira, 2004, p.49).

O artigo de Soares (2007) apresenta pesquisa em andamento no norte de MG, verificando, por meio de entrevistas e observação das aulas, realizadas em grupos, os seguintes processos de ensino-aprendizagem da viola: por imitação, por ensaios coletivos, por correção de erros, por trocas de conhecimentos entre próprios alunos e por meio de performances acompanhando o terno em suas atividades religiosas.

Segundo Vilela (2008-2009), a não existência de uma metodologia sistematizada para o ensino da viola fez com que cada violeiro desenvolvesse uma maneira muito própria de tocar, sendo variada a diversidade de toques pelo país.

2.4 FOLIA DE REIS E VIOLA: IMPORTÂNCIA CULTURAL

Verifica-se que os grupos de Folias de Reis são compostos de pessoas simples, muitas vezes de origem rural, trazendo sua tradição cultural própria, vinda da oralidade, cheia de significados, de fé e devoção. Candau (2008) nos lembra que: nosso continente é construído com uma base multicultural muito forte, com uma história dolorosa e trágica principalmente no que diz respeito aos grupos indígenas e afro-descendentes, marcada pela eliminação física do “outro” ou por sua escravização; e que as relações interétnicas são bastante constantes. Mas os brasileiros souberam resistir e continuam hoje afirmando suas identidades e lutando por seus direitos de cidadania plena na sociedade, enfrentando relações de poder, de subordinação e exclusão. E, pela primeira vez na nossa história, publicado em 1997 pelo Ministério da Educação, os Parâmetros Curriculares Nacionais incorporou, entre os temas transversais, o da pluralidade

cultural, objeto de controvérsias e toda uma negociação em que a pressão dos movimentos sociais se fez presente (CANDAU, 2008).

Este estudo sobre o aprendizado e performance da viola caipira nos grupos de Folias de Reis pretende valorizar o saber popular com o intuito de fortalecer nossas raízes culturais, e principalmente enriquecer a área de conhecimento da educação musical para o ensino deste instrumento em escolas e a área de conhecimento sobre nossa cultura popular brasileira. Com bastante coerência, Candau (2008) também coloca que: “A perspectiva intercultural que defendo quer promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais” (CANDAU, 2008, p.23). Essa autora reforça a importância da valorização de nossas raízes culturais afirmando que:

Ser conscientes de nossos enraizamentos culturais, dos processos de hibridização e de negação e silenciamento de determinados pertencimentos culturais, sendo capazes de reconhecê-los, nomeá-los e trabalhá-los constitui um exercício fundamental (CANDAU, 2008, p.26).

A Folia de Reis faz parte de nossas raízes culturais brasileiras, e ainda se encontra viva, principalmente no interior do país. Observar e ouvir os violeiros foliões integrantes desses grupos, em uma região do interior, pode revelar práticas e formas de aprendizagem que caracterizam essas comunidades, assim como a existência de formas de registros musicais deste contexto.

De acordo com estudos feitos por Neiva (2007), nas últimas décadas as culturas tradicionais se desenvolveram e se transformaram. A autora investiga tabelas que registram os versos e as ordens do ritual de Folia de Reis em um grupo do entorno do DF. Ela descreve que essas tabelas estão escritas e manuscritas em cadernos que vão passando entre as gerações, às vezes corrigindo palavras, mas tentando manter o português caipira, ou seja, se escreve da forma que se fala, para melhor entendimento. Existe então, esse cuidado de registro para a manutenção e transmissão entre as gerações.

A oralidade é a base principal do aprendizado nessas práticas, e esse fato motivou esta pesquisa que visa investigar, sob o ponto de vista dos violeiros foliões, as características do processo de aprendizagem e performance da viola no contexto da Folia de Reis.

3 PESQUISA DE CAMPO: o estar entre foliões

Para investigar o objeto de estudo desta pesquisa, realizei uma pesquisa de campo, em que utilizei técnicas de observação participante e de entrevista em um Encontro de Folia de Reis. Esse encontro ocorreu no dia 12 de outubro de 2013 no Povoado Santa Rosa de Lima, próximo à cidade de Uberaba em Minas Gerais, com a presença de diversos grupos de Folias de Reis.

A observação participante é um tipo de técnica de pesquisa em que o pesquisador se envolve com o seu objeto de observação. É muito comum em estudos etnográficos (ANDRÉ, 2007). Foram realizados também, registros áudio visuais de trechos do Encontro de Folias de Reis e análise de documentos em CDs, DVDs, livros, folders.

Baseada em Azevedo (2009), as quatro entrevistas realizadas foram do tipo semi-estruturadas, guiadas por um roteiro básico de questões, organizadas de forma a permitir com liberdade a fluência do diálogo com os violeiros foliões, aprofundando a pesquisa. As entrevistas ocorreram durante o encontro, registradas em gravação de áudio em um Net book, para depois serem transcritas e colocadas em tabelas para análise. As entrevistas foram depois agrupadas de acordo com a lista de categorias (APÊNDICE F), para serem analisadas dentro do trabalho.

Sobre a importância da entrevista na pesquisa, Szymanski (2011) destaca que é “esse processo interativo complexo tem um caráter reflexivo, num intercâmbio contínuo entre os significados e o sistema de crenças e valores, perpassados pelas emoções e sentimentos dos protagonistas” (SZYMANSKI, 2011, p.14).

Essa autora também nos fala sobre o valor do processo de transcrição das entrevistas: “Ao transcrever, revive-se a cena da entrevista, e aspectos da interação são lembrados. Cada reencontro com a fala do entrevistado é um novo momento de reviver e refletir” (...) “Diferentes pesquisadores podem construir diferentes categorias a partir do mesmo conjunto de dados, pois essa construção depende da experiência pessoal, das teorias do seu conhecimento e das suas crenças e valores” (SZYMANSKI, 2011, p.77 e 78).

Antes de escolher iniciar a pesquisa de campo, contatei o Clube de Violeiros do Distrito Federal e busquei informações sobre possíveis apresentações de Folias de Reis no DF, chegando a agendar encontros com foliões violeiros de cidades satélites que se

apresentariam com suas Folias de Reis no final do mês de outubro. Mas pela necessidade de dar prosseguimento ao trabalho, escolhi o encontro em Santa Rosa de Lima por acontecer antes, no dia 12 de outubro, e ser realizado próximo à Uberaba, região onde a tradição de Folia de Reis é antiga e muito difundida. Os objetivos desta pesquisa exigem participação e aproximação com grupos de Folia de Reis e interação com foliões e pessoas participantes do evento. Brandão (1981) aponta que é importante ouvir as falas do povo em festa, em dança, em reza, ou seja, ouvir os sujeitos.

3.1 ENCONTRO DE FOLIA: o contato e a entrada no campo

Para realizar as observações de performance de folias e as entrevistas, em setembro de 2013, contatei a Fundação Cultural de Uberaba para saber quando seria o Festival de Folia de Reis da cidade, ou se poderiam me passar contatos de foliões violeiros. Por meio do Sr Antônio Carlos Marques, consegui o contato de um violeiro folião, ex-diretor de Associação de Folia de Reis de Uberaba, o Sr Geraldo José da Silva.

Fui informada, por meio do contato com Sr Geraldo, da realização do XIII Encontro de Folia de Santos Reis e Nossa Senhora Aparecida em Santa Rosa de Lima, povoado localizado a 15 km da cidade de Uberaba.

Esse encontro é realizado todo ano no dia 12 de outubro (dia que comemora o dia das Crianças e dia da Nossa Senhora Aparecida), quando se reúnem diversos grupos de Folias de Reis oriundos de várias cidades e povoados do Triângulo Mineiro. A organização da festa é popular, repleta de devoção, fé, amor e resistência cultural. Segundo informações da secretaria do evento é comum a participação de 25 a 50 grupos de Folias de Reis.

O encontro inicia pela manhã com a alvorada e vai até a parte da tarde, sendo servido, a todos, o quebra jejum e o almoço. Os grupos de folias vão se inscrevendo por ordem de chegada e um atrás do outro vão se apresentando no salão com platéia e aparelhagem de som. A performance das Folias de Reis caminhando pela praça, antes de entrar no salão, ocorre de forma intensa, integrada com o povo que segue a folia, diferente da apresentação rápida com microfones e platéia sentada em cadeiras.

Figura 13 – Igrejinha do povoado



Fonte: Fotos da autora

Figura 14 – Chegadas de folias em Santa Rosa de Lima



Fonte: Fotos da autora

Figura 15 – Chegando no encontro



Fonte: Fotos da autora

Figura 16 – Menino com bandeira



Fonte: Fotos da autora

Figura 17 – Participação feminina



Fonte: Fotos da autora

Figura 18 – Apresentando as folias



Fonte: Fotos da autora

Figura 19 - Platéia

Fonte: Fotos da autora

Figura 20 – Foliões cantando

Fonte: Fotos da autora

Figura 21 – Servindo almoço

Fonte: Fotos da autora

Figura 22 – Devotos almoçando

Fonte: Fotos da autora

As Companhias de Reis quando chegam, antes de cantarem no salão, passam por três arcos distantes um do outro na praça em frente à igreja. Os arcos confeccionados de galhos de bambus finos representam os três reis magos. A folia canta pedindo a permissão e a bênção para cada rei passando por debaixo dos arcos, o que representa o giro da folia como ocorre na região rural.²

² Na roça, os festeiros moram longe uns dos outros, os arcos são colocados em longas distâncias percorridas pelos foliões que tocam e cantam sobre o nascimento do menino Jesus pelas fazendas no circulo de natal pedindo auxilio para festa de reis que ocorre no dia 6 de janeiro.

Figura 23 – Passando pelos arcos dos Reis



Fonte: Fotos da autora

Assistindo uma passagem de folia sob os arcos, gravei uma fala do Antônio Carlos Marques, gerente de projetos da Fundação Cultural de Uberaba:

Bom, a folia está fazendo a saudação dos três reis, né. O primeiro arco é o rei Melchior, o segundo é o Baltazar, e agora é o rei Gaspar, né, que é uma tradição, né, que é milenar, e essa coisa do povo que emociona a gente! (registro audiovisual)

Figura 24 – Antônio Carlos assistindo a passagem



Fonte: Fotos da autora

Figura 25 – Antônio Carlos



Fonte: Fotos da autora

Pela primeira vez observei um saxofone presente em um grupo de Folia de Reis. E junto a viola caipira com o capitão puxando a cantoria.

Figura 26 – Grupo de folia com Saxofone



Fonte: Fotos da autora

Figura 27 – Tocando Saxofone



Fonte: Fotos da autora

Figura 28 – Puxando a cantoria



Fonte: Fotos da autora

Depois que os foliões se apresentavam no palco, alguns ficavam espalhados embaixo de árvores, na sombra, fazendo cantoria. Esse singelo versinho citado abaixo é uma das cantigas que registrei com eles tocando em pequenas rodas de amigos.

Peneirô balão, peneirô luar
Peneirô balão de seda, foi cair dentro do mar
(registro audiovisual)

Figura 29 - Tocando na sombra

Fonte: Fotos da autora

Figura 30 – Folia de Reis de Indianópolis

Fonte: Fotos da autora

Os capitães das Companhias de Folias de Reis presentes recebem um certificado de participação no evento e cada folião recebe uma camiseta com a logomarca do encontro (APÊNDICE E).

Francisco, um dos violeiros foliões entrevistados informou que os encontros de folias ocorrem durante o ano inteiro, mais de 10 encontros por ano em toda região: Indianópolis, Sacramento, Uberaba, Uberlândia, Frutal, Nova ponte, Santa Juliana, Delta, Ponte Alta, Tupaciguara, Bambuí, Medeiros, Campos Altos, Desemboque (arraial), São José de Antinha, Sete Voltas (arraial), Ibiá, Argenita (arraial), Ribeirão Preto, Capão Grande (arraial).³

3.1.1 Os Sujeitos da pesquisa – violeiros

No encontro foram entrevistados quatro foliões violeiros. As quatro entrevistas ocorreram separadamente após o almoço, em uma casinha de apoio do povoado, primeiro entrevistei os dois violeiros foliões de Uberaba: Francisco e Placa.

³ Este folião me convidou mostrando dois convites de dois próximos encontros de Folias de Reis, o 1º Encontro de Folia de Reis no arraial do Capão Grande, e o 17º Encontro Regional de Folias de Reis de Indianópolis que acontecerá em janeiro de 2014. Francisco informou também que em Uberaba, atualmente, existem mais de 200 grupos de Folia de Reis.

Os foliões se ajudam. O folião violeiro Placa - Eduardo Silva, de Uberaba-MG, por exemplo, colaborou com outras folias, pois o seu grupo de folia “Os Três Reis Magos”, não estava presente.

Figura 31 – Violeiro folião Placa com Bandolim



Fonte: Fotos da autora

O violeiro folião entrevistado Francisco de Assis de Oliveira, contou que sua Companhia de Reis “Quinta da Boa Esperança”, de Uberaba – MG existe desde 1978. Ele tem 64 anos de idade e participa de folia desde quando tinha oito anos, nunca “falhou um ano”. O irmão dele, Divino Cândido de Oliveira toca acordeom.

Figura 32 – Companhia de Reis
Quinta da Boa Esperança



Fonte: Fotos da autora

Figura 33 – Folia do capitão Francisco



Fonte: Fotos da autora

Figura 34 – Menino batendo caixa **Figura 35 – Foliões do grupo de Uberaba**



Fonte: Fotos da autora



Fonte: Fotos da autora

Figura 36 – Francisco



Fonte: Fotos da autora

Figura 37 – Beijando a bandeira



Fonte: Fotos da autora

Figura 38 – Devoção de Ana, netinha de Francisco



Fonte: Fotos da autora

Figura 39 – As fitas na viola⁴



Fonte: Fotos da autora

Os últimos entrevistados foram os violeiros foliões de Uberlândia, João Clemente e Zé Arruda. Os dois formam a dupla “Os Triangulinos”, mas João é da Folia

⁴ Francisco informou sobre o significado das cores das fitas penduradas enfeitando a sua viola, a fita verde representa o rei Belchior, a de cor laranja, o rei Gaspar, a de cor amarela, o rei Baltazar, e a flor é o símbolo do nascimento do menino Jesus.

“Do Oriente para Belém”, presente no encontro, e Zé Arruda da Folia “Estrela do Oriente” que não estava presente. Zé Arruda participou do evento colaborando com a Folia de João.

Figura 40 – A dupla Os Triangulinos: João e Zé Arruda



Fonte: Fotos da autora

Os áudios foram gravados e transcritos na íntegra, para depois serem colocados em tabelas e a partir daí ser realizada a categorização para análise, que será abordada a seguir.

4 CONVERSA COM OS FOLIÕES

4.1 A FOLIA DE REIS – IDENTIDADE CULTURAL

O contato dos violeiros com os grupos de Folias de Reis, geralmente se inicia na infância e é marcado de forte religiosidade, devoção, fé e tradição.

È visível perceber, neste Encontro de Folia de Reis em Santa Rosa de Lima, que a identidade cultural está bastante presente entre foliões e platéia. Todos participam atentos e emocionados, deixando transparecer a importância desse laço cultural que vem da raiz.

Francisco conta que, seu avô, participou de folia até o momento de partir desta vida:

Meu vô era capitão, meu pai era folião também a muitos anos, ele morreu, eu sinto muita falta dele na folia, já tá cum quatro anos que ele faleceu, ele faleceu cum 96 anos, e ele acumpanhava nós ainda (C.E.F., p.2).

Placa também coloca bem como herdou este gosto:

Ah, eu sinto muito emocionado, eu gosto demais, e graças a Deus tem sido tudo bem, porque a minha vó me ensinô comandá e fazê a festa de reis sem aceitá palpite, sem nada, do estilo dela. Graças a Deus até hoje, vai fazê 61 ano esse ano, dia primeiro de fevereiro, que eu tô fazendo a festa (C.E.P., p.9).

João conheceu a folia quando era bem jovem, assistindo a folia em sua casa, através de uns votos de seus vizinhos, um compadre de seus pais:

(...) a casinha dês era muito piquinininha, e ês tinha esse voto pra pagá, de dá um almoço pra folia de reis, e então, como a gente tinha a nossa casa que a gente morava, e tinha uma casa que tava na frente desocupada, meu pai arranjà pra esse cumprade lá, pra recebê os foliões. Então foi aí que eu comecei a gostá, e dá valor mesmo a folia de reis, e seguir também (C.E.J., p.17).

Desde criança, Zé Arruda acompanha os grupos de folias e ajudava a cantar folia uma vez ou outra cantando com alguém, mas depois de adulto se tornou mais fiel, e hoje ajuda sempre três grupos. Este gosto veio de dentro de sua casa:

Inde desde criança a gente conhece folia de reis, ééé, porque, lá no meu pai, aonde eu fui criado, município da Estrela do Sul, na beira do rio Bagagem, era ponto e pouso de folia de reis, ou pouso, ou janta, ou almoço, todas as folia que passasse na nossa região, era um ponto de parada na casa de meu pai (C.E.J.A., p.23).

As falas dos entrevistados em relação às Folias de Reis são carregadas de devoção e fé, alguns relatam sobre voto e milagre marcando sua identidade cultural com a folia, como é o caso de Placa:

O que mais me chamou atenção, porque com 8 mês de nascido, ah, me deu um tumor na cabeça, e isso foi um milagre de Santo Reis, de São Sebastião. A minha vó me deu, me entregou pro Santo Reis, porque o padre que foi me batizar chamava padre Monsenhor Eduardo, então ele perguntou, cumé que vai chamar o menino que o menino tá passando mal, ele tá pra morrer, e ela falou assim, não ele num vai morrer, vou entregá ele pra Santo Reis, São Sebastião, ele num vai morrer, e graças a Deus tô vivo até hoje. E por isso ela me contou essa história e eu me entusiasmei e continuei e tô até hoje. Eu devo a Deus, Santo Reis e São Sebastião (C.E.P., p.9).

João fundou sua folia através de um voto que fez pros Santos Reis, pra aprender a tocar instrumento, o violão, que foi por onde começou. Para João, a fé está em primeiro lugar, depois a dedicação e a firmeza de manter o grupo (C.E.J., p.16-17).

É, a voz que fô fazê tem de lutar pra fazê ela certo, porque senão, pra num desintoá, senão fica feio, então tem uma tradição séria, é uma tradição séria, é um compromisso que a gente fêiz, é, inclusive com o grupo, dentro do grupo, é um compromisso sério, e, num é coisa que a gente faz por brincadeira não, é mesmo por paixão e por gostá, e por tá dentro da seita, que é tradição de folia de reis (C.E.J.A., p.28-29).

Nesse depoimento de José Arruda, percebe-se que os foliões levam muito a sério participar de um grupo de Folia de Reis, e que isso vem de uma tradição que naturalmente já faz parte de sua identidade cultural.

4.2 COMUNIDADE DE PRÁTICA – A FOLIA E O GRUPO

Participar de um grupo de Folia de Reis envolve práticas, saberes e valores. A importância de pertencer a uma comunidade de prática, bem colocada por Russell (2006), é mostrada nos depoimentos dos foliões, repletos de significados. Verifica-se

como a identidade e os valores são criados em comunidades, e que também comunidades de prática são ambientes de aprendizagem.

O aprendizado e performance na folia, muitas vezes acontece dentro da família, o pai passa pra filho, o filho passa pra neto, e assim vai seguindo.

(...) E com 16 pra 17 ano, eu perdi meu avô, e aprendi folia de reis com minha avó. Então minha avó foi passando a viagem dos reis, tudo pra mim, foi aonde eu comecei a trabalhar de capitão na folia, esse ano faiz 61 ano que eu faço a festa do meu avô (C.E.P., p.8).

È comum os foliões terem uma versatilidade de funções dentro dos grupos de folia, Placa é um deles:

Eu toco bandolim, toco cavaquim, toco viola, todos os instrumento, eu tenho que afiná todos com a sanfona né” (C.E.P., p.10).

João conta que além de ser capitão, embaixador da folia, ele também faz a primeira voz, segunda, terceira e quarta voz, e no instrumento diz ele:

(...) eu bato caixa também, já bati muito né, até embaixando e batendo caixa, bato pandeiro também na folia, bato cavaquinho, a viola, o violão (C.E.J., p.18).

Na Folia de Reis existe o costume de se cantar até em 7 vozes, em diferentes alturas. Zé Arruda conta que tem facilidade com o canto, faz todas as vozes da primeira à sexta, só não faz a sétima, e se for preciso, assume a voz do embaixador quando este está ruim da garganta (C.E.J.A., p.23). Ou mesmo substitui outros cantores:

Se eu pudé, aquele que faltô eu vô supri a necessidade dele, porque a veiz canta um que ia fazê a terceira voiz, se ele num chega, enquanto ele num chega eu faço a voiz dele. Quando ele chega ele faiz a voiz dele e eu vou fazê outra, fazê uma outra que tive (C.E.J.A., p.24).

Conta João que além de cantar, o embaixador tem uma função importante dentro da tradição de manter a folia:

A função do embaixador é, além dele ser o responsável por cantar, tirando ali, fazendo a embaixada, como diz, né, da folia, e para o grupo respondê, né, então é, ele mantê o grupo, também ter a firmeza de espírito, principalmente, de fé, e, eu acho que é por aí (C.E.J., p.18).

Existem formas de cantar e tocar folias, bem como diferenças de giro (andança) da folia na cidade e na roça.

Segundo Zé Arruda, os verso da folia de reis, se inicia com um básico, que o capitão faz na hora de levantar uma bandeira, na hora de iniciar, pra tirar a bandeira pra sair, ou na hora de entregar ela em um pouso, quando a folia vai parar. Ele conta que tem horário pra tocar a folia, geralmente pode tocar até 22 horas:

As vêiz a gente canta fora do horário quando tá cantando na casa de família que é da fulia meso, mas se nós passá na sua casa dez hora da noite, se você não quize abri a porta pra gente cantá, a gente num vai insistir, que é proibido depois das dez (C.E.J.A., p.25).

Isso mostra o respeito que se tem com as regras na cidade para proteger a tranqüilidade do cidadão. Na roça acontece diferente, as folias cantam sem limite de tempo, não existe este tipo de regra:

É, tem vez que do 24 pro 25, sai a fulia de reis que canta a noite inteira, aí, todas as pessoa que a fulia vai passá ali, já tá esperando, aquele horário e num tem, na roça num tem horário, é o horário que o fulião dé conta de cantá, ou a companhia andá (C.E.J.A., p.25).

Os tipos de toadas de folias variam entre mais lentas e mais ligeiras:

(...) as palavra nunca muda muito, é só mesmo a toada, a toada tem umas toada que desenvolve mais, tem umas que é mais lenta outras é longa, muito mais pra cantá né, que tem toada que o embaixadô embaixa o verso repetido, e a gente canta repetido, e tem umas não, qu'ele canta os verso completo e a gente só canta o finalzim dele da resposta (C.E.J.A., p.26).

Segundo Zé Arruda, que toca viola há oito anos em folias, cada um normalmente tem sua toada própria, e às vezes um canta a toada do outro (C.E.J.A., p.25).

A Folia de Reis tradicionalmente é formada pelos instrumentos que variam entre: viola caipira, violão, caixa (tambor de folia), cavaquinho, pandeiro, triângulo, sanfona (acordeom), rabeca, chocalhos, reco-reco e outros.

“Os Três Reis Magos”, nome da folia de Placa, composta de um número de 9 a 15 integrantes, tem como principais instrumentos: viola caipira, violão, cavaquinho, bandolim e sanfona.

4.2.1 Participação de crianças, jovens, e mulheres

Cislaghi (2011) discorre sobre a importante função comunitária desses grupos musicais, que promovem um amplo envolvimento social, permitindo afastar crianças e jovens da marginalidade, desenvolvendo a convivência em grupo, a disciplina e a responsabilidade. As mulheres, os jovens e as crianças estão sempre presentes nas festas de Folias de Reis, e muitas das folias os têm integrando os grupos. João conta do jovem participando de sua folia:

(...) e hoje é um jovem, de 16 anos, que ta começando também a tocar a sanfona, mas vai muito bem, e, então ele, o pai dele é caxeiro de uma outra folia que a gente viaja junto, que tá aqui presente também hoje (...) (C.E.J., p. 18).

Tem sempre alguma criança na folia, comenta Zé Arruda, e conta que o rapaz com 16 anos que está com o folião João, começou ainda bem garoto (C.E.J.A., p.27).

João diz que ocorre ter criança participando, mas neste momento só tem adolescentes, além do que toca acordeom, tem outro jovem na folia, toca pandeiro, toca caixa quando é preciso, e está cantando também (C.E.J., p. 20).

Sobre a participação dos jovens, conta Zé Arruda:

Participa, vai aprendendo, tem uns que vai aprendendo e nunca larga, tem uns que não, quando ele aprende, ele vai até certo ponto. Quando ele começa a namorá, a vêz a namorada não é de folia de reis, as vez ele acaba abandonando a fulia de reis por causa da religião da namorada, e aí ele já parte pra outras, outros tribo dele né (rizos) (C.E.J.A., p.27).

Placa justifica o porque do interesse dos jovens com o universo das folias e da música raiz:

(...) os jovens hoje gosta de sertanejo, maioria dos jovens hoje tá gravando sertanejo, tá, cê vê Jorge Mateus né, Fernando Sorocaba (C.E.P., p.13).

As mulheres também participam das folias. Quando perguntei ao folião Placa se na folia dele tem mulheres, ele prontamente respondeu:

Têem! Na folia morreu muitos companheiro, na minha companhia de reis, então eu tem lá, nós é em seis home e cinco mulhé, o ano passado, mas se Deus quizé esse ano, tem uns garotim que já treinandim, aí nós vamo fazê uma turma de doze (C.E.P., p.12).

Em sua folia, Placa diz que as mulheres têm funções diversas:

As mulhé elas faiz, quinta voz, sexta voz, eu tenho uma prima que toca pandeiro, bate caixa, toca cavaquim, ela canta em qualquer voz (C.E.P., p.12).

João conta que em seu grupo de folia tem quatro mulheres participando, como alferes, carregando a bandeira, na segunda voz e na terceira voz (C.E.J., p.19).

Na Folia de João “Do Oriente para Belém”, observei a presença expressiva e marcante de Maria Cândida, uma afro-descendente tocando cavaquinho e cantando alegre com voz forte e afinada. João informou que essa foliã toca outros instrumentos também, um deles é a Craviola, uma viola de 12 cordas. Não pude entrevistá-la nessa festa, mas seria interessante em outra oportunidade.

As mulheres têm facilidade de fazer as vozes, comenta Zé Arruda:

Normalmente tem mulher que canta uma perfeição em qualquer local que cê pôr ela para cantá, se é primeira, se é segunda, se é terceira, se é quarta, se é quinta, se é sexta, se é sétima, qualquer uma das voiz elas faiz (C.E.J.A., p.26).

A musicalidade feminina é valorizada por Zé Arruda, e ele diz também que tem mulheres que tocam qualquer instrumento:

Toca também, tem mulhé que toca sanfona, toca, bate caixa, bate pandeiro, toca qualquer instrumento, tem mulhé, hoje as mulhé tem uma qualidade, isso toda vida teve (C.E.J.A., p.27).

Francisco conta que seu neto Guilherme de 10 anos, há 3 anos toca caixa na folia (o tambor de folia). Acompanhando Francisco, estava a filha com a netinha dele, Ana Carolina, de seis anos. Ele e a filha incentivam Ana a participar da folia:

Bão, eu tô querendo que a minha netinha, que é aquela menina que cê viu ali, a minha menina ta pelejando q’ela, incentivando ela né, pra vê se ela segue essa missão que a gente tem (C.E.F., p.6).

Essa devoção infantil é demonstrada por Ana que chora de emoção com a folia. Francisco gosta e quer muito que a neta participe:

Isso aí, me emociona muito, vê as criança né, as criança começando essa tradição, isso aí é uma devoção, que admiro muito, tem que incentivá! (C.E.F., p.6).

Placa tem um sobrinho que participa de sua folia (C.E.P., p.12), e também conta de uma criança já participando de sua folia:

Criança tem, eu tenho um garotim que ele faiz dez ano agora, e eu dei um bandolim pra ele, e ele tá aprendendo, toca e canta (C.E.P., p.12).

Araújo e Torres (2009) nos dizem que comunidade de prática são grupos que compartilham um mesmo interesse por algo que fazem e aprendem a melhorar com a interação regular. Em uma comunidade de prática musical a aprendizagem e prática da música ocorrem de forma mais significativa, por ser contextualizada. O envolvimento nos grupos de folias abarca a família como um todo, e de uma forma ou de outra, todos participam, sejam tocando instrumentos, carregando a bandeira, cozinhando para a festa ou oferecendo um lanche aos foliões em seus giros de folia.

4.3 A FOLIA: SIGNIFICADOS E CONCEPÇÕES DOS VIOLEIROS FOLIÕES

Os foliões entrevistados abordam a Folia de Reis como uma tradição que precisa ser mantida. Suas falas são permeadas de significados, valores e emoção.

O nascimento de Jesus é o motivo principal abordado nas folias, pois as folias representam os reis magos cantando e festejando a história da vinda do Messias, já anunciada pelos profetas. Zé Arruda conta como surgiu, segundo ele, o dom de cantar a folia:

(...) então o dom de cantá fulia de reis, é porque é uma estória que é assim que fala da estória do nascimento de cristo né, lá no início de, que surgiu a estória do nascimento de cristo, surgiu os três reis mago (C.E.J.A., p.28).

Os foliões mostram claramente a importância da realização dos encontros na manutenção da tradição das Folias de Reis. O discurso de Francisco apresenta bem essa importância:

(...) e a gente participa todas as vez, aqui na chegada da companhia de reis, ajudando aí o pessoal, pra não deixar acabar né, isso aí é uma tradição né, e outra, que tem que gostar né? (C.E.F., p.1)

Francisco se preocupa em manter a tradição original dos três reis, e conta que conforme a necessidade, o povo inventa outros reis para colaborar na festa do festeiro, quem sedia a festa de reis:

É, eles fez a visita pro menino, foi né. A gente sempre tem essa tradição, mas o povo inventa muito, porque vamo supô, eles inventa três quatro cinco coroa, os reis teve só três coroa, num existia mais coroa, mas que o pessoal hoje qué fazê muita né, fazi quatro cinco seis coroa, pra podê ajudá na festa dos festeiro, mas o certo memo é as três coroa, é a origia, a orige (C.E.F., p.4).

Sobre o pedido de auxílio pra festa de reis, diz Placa que quando as folias cantam nas casas, ele acha que não se deve pedir uma esmola, pois Santo Reis não precisa de esmolas:

(...) tem que sabê pedir, a gente nunca deve cantá numa casa, me dá uma esmola pra Santo Reis, porque Santo Reis não precisa de esmola, você canta pedindo um auxílio pra festa do Santo Reis, não me dá uma esmola pra Santo Reis, porque santo reis num precisa de esmola, é um auxílio pra festa de Santo Reis, do dia 6 até o dia que os festêro determinar (C.E.P., p.10).

A emoção toma conta de foliões e participantes dos encontros de folias de reis. Francisco mostra isso em sua fala:

Nossa! Eu sinto uma emoção, ó, eu fico pensando, o dia que eu num tiver aqui, tô aprendendo deixá pro meu netim né, to insistindo pra ele cuntuá, mais o dia que eu num dé conta, eu acho que eu num guento, é uma coisa que me dá uma emoção danada, fica olhando pro meu pai, pros meu ti, quera tudo folião né, então a gente fica com essa recordação (C.E.F., p.3-4).

Para o folião João, a Folia de Reis além de ser um folclore, é também cultura (C.E.J., p.20). E quando está participando da folia, João diz que se sente muito honrado, muito feliz e gratificado por Deus e por Santos Reis (C.E.J., p.17).

È comum ver em performances de Foliás de Reis, pessoas chorando de emoção. Zé Arruda diz que:

Tem pessoa que tem uma qualidade que entra, bom gosto de aprendê e seguiu a carreira de fulião, de acumpanhá a fulia de reis, tem uns que chega a chorá de emoção de tá ali junto (C.E.J.A., p.28).

Zé Arruda também conta sobre como a lembrança dos familiares que já se foram e gostavam da folia, faz com que as pessoas se emocionem quando assistem:

Até os jovens. Tem pessoa da cabecinha branca igual a minha, que gosta tanto de fulia de reis que toda vêiz que vê o canto da fulia, eles choram, e isso, casa que a gente chega pra cantá, normalmente tem gente apaixonado, que lembra de família, que era criança, que gostava, que num existe essas pessoa mais, e vem, a emoção chega na hora, (...) (C.E.J.A., p.28).

Normalmente, segundos os foliões, o aspecto que mais chama a atenção na folia, são as várias vozes do canto. A maioria das folias cantam em 6 a 7 vozes, com características bem peculiares, que surpreendem e encantam a todos, variando também nas afinações da viola (APÊNDICE B). O violeiro folião Francisco, aborda sobre sua atração pelas vozes.

Ó, o que mais me chamou atenção, a gente sentiu aquela emoção do canto, da cantiga, das quatro, seis voiz que eu fazia, eu trabaiei muito nas seis voiz, quatro, fui embaixador, sou embaixador, era meu sonho (C.E.F., p.4).

Francisco também se emociona muito com o cavaquinho:

Depois da voiz, o que chamou mais atenção, eu adoro muito, foi o cavaquinho, o cavaquinho tem uma, um toque, num tem definitivo né, me emociona muito (C.E.F., p.4).

Já o violeiro Placa, conta que o que chamou muito atenção na folia, o milagre de santo Reis ocorrido em sua vida, os tipos de vozes, cantar e tocar tudo em harmonia:

Foi o milagre, foi o meus cumpanheiro me ajudá, o tipo de voz, porque cantá a primeira a segunda a terceira, 4, 5, 6, 7, é muito difícil (C.E.P., p.9-10). (...) Foi as vozes, foi a cantoria né, os cumpanheiro tudo certim, até hoje eu admiro dimais, a folia que canta certim, canta cada um na sua voz, né, os intrumento tudo certim, eu admiro muito. (...) todos pra mim sendo bem tocado, sendo bem executado, pra mim todos são bunito, des'da caixa até a viola (C.E.P., p.10).

Para o gosto de João, a viola está em primeiro lugar, e depois o acordeom que ele tem no grupo (C.E.J., p.18).

A maioria dos foliões entrevistados demonstra não se considerarem profissional, e sim um amador. Francisco conta que começou a tocar mesmo sem saber direito:

Não, eu tocava de reis, porque, assim pra cantar, a gente quais num tinha dom né, naquela época a gente num tinha afinação pra tocá (C.E.F., p.3).

Francisco acha que sabe pouco em relação aos jovens de hoje que tem estudo:

Na viola vou te falar, pra tocar eu sô assim mêi assim cru, mas a viola tem muuito recurso né, pra quem sabe é, esses menino novo que evem hoje, tem estudo, então a gente num teve aquele estudo pra seguir assim a, na Fundação Cultural igual ês faiz aí. Eu meso só pra cumpanhá reis que eu uso a viola, só pra cumpanhá o reis (C.E.F., p.5).

Zé Arruda diz que gosta de ser útil na folia, e sente que é um dom de Deus:

Eu sinto filiz da vida, pelo seguinte, é um, parece um dom que a gente, Deus deu pra gente, a gente gosta, e eu sinto filiz da vida de tá ajudando, deu ser útil em tá ajudando a cantá na fulia (C.E.J.A., p.23).

Sobre esse ponto, Oliveira (2004) aborda por meio de pesquisa, que, no discurso dos violeiros do interior de São Paulo está presente nas falas de que não é qualquer um que aprende sozinho, é preciso ter dom para isto, e este dom vem de Deus.

4.4 VIVÊNCIA MUSICAL – CONTATO COM A VIOLA

A vivência musical dos integrantes das folias envolve a relação com a vida pessoal. Os violeiros foliões entrevistados conhecem ou tiveram contato com a viola

caipira desde a infância. Francisco, de Uberaba, nos diz que a viola, além de estar em sua memória, é uma tradição que passa de geração a geração e atrai os jovens de hoje.

Ó! Geralmente a viola, a gente, em deusde que eu entendo por gente, eu já fiquei sabendo da viola caipira, né? Então, isso aí é uma tradição que não pode deixar acabar e agora como diz o outro, tem a geração que vem agora, os menino, parece que tá aumentando, né. O povo tá com mais entusiasmo né, acredita na viola caipira né? (C.E.F., p.1).

Placa, outro folião de Uberaba, conta que aprendeu viola no ambiente familiar:

Ah, eu tinha nove anos, eu morava na Alexandre Barbosa, que é a antiga rua Casu, fui nascido e criado lá e meu avô, meus parente lá tocava, eu comecei com nove anos, nós tinha uma dupla lá, eu e meu primo, chamada Parafuso e Preguim (C.E.P., p.8).

Já o folião de Uberlândia, Zé Arruda, conta que conheceu a viola vendo as Folias de Reis:

Via quando era criança, assim, vendo nas folia de reis né, só que assim, indeusde criança que gente via só que a gente num pegava porque a gente num tinha o instrumento, e nem vizim que tinha uma violinha, pra ensiná a gente tocá (C.E.J.A., p.22).

Zé Arruda herdou de sua família a musicalidade ligada ao canto:

(...) até que o dom de cantá, o som do instrumento, a gente tem ele na cabeça indeusde criança, mas, eu sô de uma família que todo mundo canta um pouquim alguma coisa, num é qu'es é instruído, mas canta um pouquim (C.E.J.A., p.22).

O folião João, também de Uberlândia, conta que conheceu a viola em uma apresentação do músico compositor Tião Carreiro (C.E.J., p.14).

Dois foliões entrevistados contam que tiveram influência de duplas sertanejas:

(...) foi no ritmo sertanejo com Tônico e Tinoco, q'era na época, a gente foi no circo Garcia, e ele deu a maior força pra gente e a gente continuou a tocá a dupla Parafuso e Preguim (C.E.P., p.8).

Além de Tião Carreiro, João conta ter assistido muitos outros violeiros em Uberlândia e em Uberaba. Ele dá um exemplo de uma dupla de Uberaba se apresentando com participação de outros violeiros de Uberlândia e da região:

O Rei Gaspar e o Majestade né, inclusive amanhã eles estarão lá em Uberlândia (...) (C.E.J., p.14).

Quando João começou a aprender a tocar viola, o repertório que tocava era a música raiz, a música caipira e a música na folia (C.E.J., p.16). Placa diz que tocava e cantava coisas conhecidas como as músicas de Tônico e Tinoco que eram as preferidas, e ainda Lorenzo e Lourival, Tião Carreiro e Pardino (C.E.P., p.8).

É comum os violeiros foliões fazerem composições. Placa conta que compunha música sertaneja e que também compôs 49 sambas enredo de carnaval, foi passista e mestre sala (C.E.P., p.8). Ele recebia a estória e colocava a melodia, usando a viola caipira.

(...) eu fazia as rima né, e juntava os trechim, as parte que tinha que fazê da estória do carnaval, e fazia a música, samba enredo (C.E.P., p.9).

João conta que tem diversas músicas em dois CDs gravados, sendo que, no primeiro, dez composições são de sua autoria (C.E.J., p.16). Segundo ele, uma das suas músicas gravadas em CD que muita gente gosta, e muitos pedem para ele cantar, é *Porteira Velha*. João canta bonito e afinado:

Porteira velha na estrada carreira,
lá na fazenda onde eu me criei.
S'ela pudesse então contaria,
de quantas vezes por ali passei.
Porteira velha só me traz saudade,
da minha infância que lá eu deixei,
hoje estou velho [corrige a letra],
já fui moço e hoje estou velho,
de ti porteira não me esquecerei.
Porteira velha, lá na estrada,
me traz saudade da minha vida passada
(C.E.J., p.17).

Os foliões João Clemente e Zé Arruda formam uma dupla caipira que se chama “Os Triangulinos”. Casa Bela, um salão de festas em Uberlândia, é um dos espaços em que às vezes a dupla se apresenta, e lá acontece também uma roda de viola todo mês (C.E.J., p.14-15).

A vivência musical com a viola faz parte da cultura e vida pessoal dos foliões, que desde criança já tiveram contato com o instrumento, mesmo que alguns aprendessem a tocar depois de adultos.

Francisco e Placa iniciaram o aprendizado com a viola, quando criança:

(...) eu comecei a tocá viola e violão, a viola era maior do que eu, mas eu agüentava a mão, tinha problema não, eu tinha nove ano e ele tinha doze. Aí dipois ele criou mais idade, tal, começo namorá, casou, e tal, e a gente ia ensaiar na casa dele, e a mulher num gostava, aí a gente separou a dupla (C.E.P., p.8).

Já os dois foliões de Uberlândia, começaram a tocar depois de adultos. João conta:

Eu comecei tocá já velho, eu tinha, já era até casado, eu tinha 27 anos. (...) Eu aprendi praticamente sozinho, porque, eu comprei um método né, e o método ele ensina as posições né, as tonalidades, tanto de viola como de violão, outros instrumentos também, né, mas a gente, é, pegou mais foi viola e violão (C.E.J., p.15).

Zé Arruda, de 64 anos, conta que apesar de ter conhecido a viola quando criança, somente há poucos anos que começou a tocar:

Eu conheci ela indeusde criança, nem conhecia, mas se eu te falá que eu comecei aprendê ela tem, eu posso dizê que tem uns cinco anos? Qu'eu tô prendendo tocá a violinha, é mesmo pra cantá fulia de reis, porque ela é mais leve é mais tranqüilo pr'aprendê, e aí eu mais o João cumeçamo a ensaiá música caipira, e eu cumecei a ensaiar (C.E.J.A., p.21).

Talvez por morarem em uma cidade muito antiga, que vem tradicionalmente mantendo características de manifestações da cultura regional, os foliões de Uberaba iniciaram o aprendizado da viola mais cedo que os foliões de Uberlândia, uma cidade mais moderna, que já foi um arraial de Uberaba.

4.5 APRENDIZAGEM E PERFORMANCE DA VIOLA NA FOLIA

Na Folia de Reis, a viola caipira integra um conjunto de instrumentos que acompanham a cantoria pedindo bênçãos a Santo Reis, homenageando a sagrada família, Maria, José e o menino Jesus. È comum os violeiros foliões tocarem também outros instrumentos, mas deixam claro nas entrevistas, que a viola vem de uma tradição e é imprescindível, apesar de mostrarem nas falas não acharem tão necessário ser um virtuose. Durante o Encontro em Santa Rosa de Lima, dentre as diversas folias

observadas, apenas uma delas não tinha viola caipira, e sim violões com os outros instrumentos de folia.

È colocado pelo violeiro folião Francisco, que a origem e importância da viola na Folia de Reis, vem desde a visita dos reis magos ao nascimento do menino Jesus:

Óia, a viola é, o folião meso ele num sabendo tocá a viola, ele tem que tê ela na frente ali né, que os reis quando saiu, saiu com a viola, um triângulo e a caixa (C.E.F., p.4).

Francisco começou a tocar viola caipira pra acompanhar as folias:

(...) deusde que acompanho Santos Reis, eu gosto da viola pra acompanhar Santos Reis, é a tradição da viola na folia de reis, que tem que ter (C.E.F., p.1).

È, eu carregava né, até hoje, fazia uma marcação que a gente faz, porque tocar mesmo a gente, pra modo doutro, a gente não é profissional né. A gente faz essa tradição, que gosta né (C.E.F., p.2).

O envolvimento pessoal e emocional está sempre presente nas falas dos foliões, mostrando que esse envolvimento e dedicação devocional estão acima do saber tocar o instrumento.

4.5.1 Modo de aprendizagem

Os violeiros foliões entrevistados aprendem informalmente, sozinhos, observando o outro, em duplas ou participando de grupos, de memória, às vezes com auxílio, mas sem um conhecimento teórico. Um exemplo está na fala de José Arruda:

Aprendi assim de vê os'otro tocando, por que eu nunca peguei aula com ninguém, aprendendo de vê os'otro fazendo. (...) É, fazendo na fulia, fazendo a moda caipira, e a gente vai aprendendo (C.E.J.A., p.22).

Francisco diz que só toca alguma coisinha, e usa o termo que aprendeu “de cabeça”:

Bom, a gente, na época morava em fazenda, eu fui nascido aqui na comunidade de Santa Rosa, então naquela época não tinha assim igual tem hoje, aprendendo com o pessoal, então era por cabeça mesmo que a gente começou a tocar né (C.E.F., p.2).

Francisco mostra que sua aprendizagem “de cabeça”, também teve influência de uma aprendizagem informal familiar:

(...) nós cumpanhava as folias de reis, então eu pegava os instrumentos e ia tocando, cumpanhando meu pai, meu vô, né (C.E.F., p.2).

Placa teve orientação para iniciar na folia:

(...) eu fui ajudar o finado Sr. Guiomar Matuaba, que foi o que me orientô e me deu força né, e eu continuei, por isso que hoje eu sou capitão da folia (C.E.P., p.9).

Alguns entrevistados mencionaram terem tido dificuldades pra aprender a viola. Zé Arruda comenta sobre o entrave em desenvolver os dedos, usando o termo “o molejo dos dedos” (C.E.J.A., p.22). Segundo João, todos têm dificuldade, pois o instrumento exige muito, e é necessário sempre estar aperfeiçoando, e sua dificuldade inicial foi com a afinação:

A dificuldade é, quando eu tava começando, né, foi aprendê a afiná a viola, esse era o problema maior, e inclusive procurei alguém que já era capitão de folia de reis naquele tempo, que sabia tocá viola na folia, e ele não fez a menor questão de me ensiná, né, nem a afiná. Então ele falou, é, cê faz assim, assim e assado, coisa e tal, e, eu fui fazê mas num num batia, que eu não sabia nada, né, mas depois eu fui pegando alguma coisinha também, serviu pr’alguma coisa (C.E.J., p.15-16).

O prazer de aprender o instrumento informalmente supera as dificuldades que vão sendo enfrentadas, por ser essa uma atividade exercida de forma espontânea fora de aulas tradicionais. Nesse processo de aprendizagem informal, Lacorte e Galvão (2007), explica como os músicos são criadores e pesquisadores de sua própria aprendizagem.

O folião Zé Arruda mostra sua concepção de como deve ser a aprendizagem correta de viola:

(...) Aquela vontade que a gente tem de aprendê, as veiz a gente nem pega instrução com’ês, porque se a gente pegasse instrução com professor, é outra, é outros dez, a gente aprende assim por conta própria, num fica num aprende a coisa certim, a gente faiz, a gente

toca viola e tal, mas num... (...) É porque hoje, hoje num tem nada que a gente vai a fazer, venha fazer, que num é assim..., tem que tê um curso né, e a gente num tem, a gente faiz ééé, a gente faiz é assim por conta própria (rizos) (C.E.J.A., p.22).

Os foliões demonstram não terem um conhecimento de teoria musical, verifica-se que sua prática vem da oralidade, comum em diversas manifestações da cultura popular, onde é desenvolvida uma memória musical, que muitas vezes não está presente em um estudante de música que aprende inicialmente pela teoria. João chega a afirmar que ainda não teve esse estudo teórico (C.E.J., p.19). Algumas falas dos foliões mostram que consideram importante um estudo mais aprofundado do instrumento.

Segundo Souza (2006), ensinar a ler notas musicais apenas não leva a uma educação musical significativa. Essa autora coloca que para ler música é preciso ouvir música, criar uma imagem aural e desenvolver a memória musical para depois ler notas, isso dará maior sentido à partitura.

Vilela (2008-2009) diz que a falta de uma metodologia sistematizada para o ensino da viola, leva a uma variedade e diversidade de toques de viola, fazendo com que cada violeiro desenvolva uma maneira muito própria de tocar.

4.5.2 Performance

A improvisação permeia a performance na folia, em cima de acordes básicos, se cria versos improvisados com solos acompanhando. Os foliões contam que a maior parte dos versos e ponteados (solos) na folia é inventada na hora. Alguns versos já trazem decorados, guardam de memória. Francisco afirma bem:

(...) a gente tira assim, eu sou embaixador, quer dizer que cê tem que fazer na hora o verso, então é o nascimento, a viagem dos reis, então nós pra agradecer assim a oferta, cê tem que fazer na cabeça. (...) A melodia e a música, tudo na hora. (...) Tudo é inventado na hora. Entendeu cumé que é? Repete isso, vamo supor, eu tô chegando na sua casa lá, vamo sopor, Senhora dona da casa, filha da virgem Maria, arrecebe essa bandeira que ela é a nossa guia. Quer dizer, eu fiz na hora. (...) Tem decorado só assim, as viagens dos reis, a coroação, aí já é do nascimento né, pra sair assim no giro, aí é decorado (C.E.F., p.3).

O violeiro Placa explica como ocorre o improviso dos versos quando a folia chega numa casa:

(...) a folia geralmente, cê tem que fazê um improviso, cê chega numa casa, você tem que cantá pra recebê a bandeira, primeiro cê tem que cumprimentá o dono da casa, a dona da casa, a família, pede pra recebê a bandeira, pergunta se pode né, arrecebê a bandeira de Santo Reis, aí você tem que fazê o verso ali, né! (C.E.P., p.10).

Durante minha observação no evento, enquanto eu filmava a passagem de uma folia embaixo dos arcos, marcou e muito me emocionou a surpresa de ouvir o capitão da folia puxando um verso inventado na hora, e a folia respondendo. No meio da cantoria, uma alegre foliã cantava e tocava cavaquinho, olhando pra mim:

[capitão:] Quem tá fazendo a reportagem, os três reis vai abençoá!
 Quem tá fazendo a reportagem, os três reis vai abençoá!
 [repetição dos foliões:] Quem tá fazendo a reportagem, ai os três reis vai te abençoá, Quem tá fazendo a reportagem ai os três reis vai te abençoá, ôiaaaaá!!!
 [capitão:] Deus abençoa o seu trabalho, que os Santos Reis vai abençoá! Deus abençoa o seu trabalho, que os Santos Reis vai abençoá!
 [repetição dos foliões:] Deus abençoa o seu trabalho, que os Santos Reis vai abençoá! Deus abençoa o seu trabalho, que os Santos Reis vai abençoá ôiaaaaá!!! (gravação do autor)

No final da frase do verso, subindo as vozes pro agudo, enquanto uns cantam ôiaaaaa, outros ao mesmo tempo cantam aiaaaaá. Esse é um dos detalhes marcantes que dão um toque especial na cantoria.

Placa afirma que a viola improvisa com as vozes, mas com cuidado para não inventar demais e com isto atrapalhar o grupo:

(...) a gente tem que improvisá junto com o que os cumpanheiro tá cantando né, pra num saí fora, num pode ficá inventando muito senão trapalha os cumpanheiro (C.E.P., p.10).

Apesar de Placa colocar certo limite para os improvisos, ele se sente livre para criar um solo, em harmonia com o canto, durante a performance da folia:

(...) tem a liberdade, enquanto eles tá cantando, eu faço ali um solozim, daquilo qu'ês tão respondendo, pra ficá né, perfeito (C.E.P., p.11).

Já João, conta que não é muito de inventar (C.E.J., p.18), mas tem momentos que cria arranjos:

Ah é, quando num tem o acordeom eu faço o arranjo, né, das, das passagens, né, de um verso pra outro, e quase que é só isso (C.E.J., p.19).

Zé Arruda também diz que ajuda nos arranjos e cria ponteados na folia:

As vêiz inventa na hora, a gente tá ajudando a fazê o arranjo assim cumpanhado, cria uns pontiadozim acumpanhando, no verso né, no decorrer do verso (C.E.J.A., p.24).

Segundo os foliões, os ritmos dentro da folia, variam entre mais lentos e mais rápidos. Francisco aborda sobre alguns tipos de ritmos de folia, falando primeiro das posições comuns usadas:

É, cê faiz a primeira, a segunda e terceira né. Vamo pô, tem diversos ritmos, tem o reizão, tem o reizim, o reizão, talvez é mais lento, é igual escutá a companhia que cê viu né, o compasso, é, como dizer, arroz com feijão. Os'otro é mais ligeiro, tem o reis paulista, tem o mineirim que é o reizim puro né. Agora o ligítimo é o reis grande (C.E.F., p.5).

Zé Arruda conta que o toque da folia é semelhante com o da música caipira, cururu, valsa, toada:

(...) o ritmo é tipo quase um cururu né, uma toada canção, é, ééé, tem umas que é um valseado bem rápido, uma canção rancheira, uma canção bem rápido também, tudo, tudo anssim, vai é, parecido, é parecido, é, é um toque de fulia de reis mais que ele é criado também pela música caipira (C.E.J.A., p.26).

Alguns foliões têm mais facilidades e outros encontraram algumas dificuldades com a viola na folia. O folião Placa conta que nunca teve dificuldades na folia:

Não, nunca tive, graças a Deus sempre, a folia tá cantando a 200 m e eu sei o tom que eles tá cantando e afino certim com eles (C.E.P., p.10).

Já Zé Arruda diz que sentiu dificuldade apenas no início, pra afinar a viola, por ser diferente do violão, o que ficou resolvido depois que aprendeu (C.E.J.A., p.24).

As afinações de viola usadas pelos foliões entrevistados são o cebolão em mi, cebolão em ré, e o rio abaixo.

Tem afinação que é a rio abaixo que ela é, afinação do Liu e Léo, quando ele cantava Tónico e Tinoco, né! (...) Que afinação na viola dizem que, dizem que tem mais de trinta afinação, eu até hoje só sei o três, só dô conta de três (C.E.J.A., p.24).

Segundo Zé Arruda, as afinações de viola usadas variam conforme o grupo. Tem grupo que canta em cebolão mi maior, outro canta em sol, que é o rio abaixo, outro em ré ou em fá, diferenciando a posição dos acordes (C.E.J.A., p.26). João conta que, na folia ele usa mais a afinação rio abaixo (C.E.J., p.16).

Exemplos de diferentes afinações são mostrados no livro Folia de Reis Resgate e Registro, por meio do registro de folias da região de Uberaba (FOLIAS DE REIS, 1996) (APÊNDICE B).

4.5.3 Ensaios

As folias não se apresentam apenas no ciclo de natal, os entrevistados contam que, durante o ano todo participam de encontros de Folias de Reis. Dessa forma, estão sempre tocando, como explica João:

Não, a gente quase num ensaia, por que a gente tá o ano inteiro tocando folia, sabe? Graças a Deus, esse ano até a gente tá muito cansado porque graças a Deus a gente tem cantado muito, e ajudado outros também, né (C.E.J., p.19).

Francisco conta que a folia dele já é treinada, não precisa de ensaio, apesar de existir um treino pra participar:

Bão, a gente tem os ensaio né, hoje eu num tenho essa dificuldade pra ta ensaiando, que a gente já é treinado né, é só chegar igual nós chegô ali, a turma toda reunida, chegá e cantá e, mas existe um treino, pra fazê pra treiná o reis (C.E.F., p.5).

Placa também conta que sua folia já é treinada, e quando ele toca em outras folias, dá um pequeno treino antes:

É, a minha companhia de reis ela ensaia uma vez só, por que o pessoal já tá treinado, igual hoje, eu vim ajudá os rapaz aqui, eu nunca tinha tocado com eles, viu?, aí eles me deu essa oportunidade, ajudá aqui um pouquim, eu vim ajudá eles (...) É, não, qualquer companhia que me convidá eu, dô um treinozim né, primeiro, porque a gente nunca tá junto né, é, pessoal estranho (C.E.P., p.11).

Quando o capitão canta uma toada diferente, ou que alguém do grupo ainda não pegou, aí ocorre um breve ensaio, conta Zé Arruda:

Ensaia quando é uma toada diferente que o capitão qué cantá, e as veiz algum do grupo, num tá bem dentro da toada, as veiz a gente ensaia ali uns três quatro verso e começa a cantá. Ensaia é só assim, é só pra pegá o tom da música, da toada (C.E.J.A., p.25).

Essa convivência constante entre foliões durante o ano, ocorrida no campo ou na cidade, seja em encontros ou giro de folia, faz com que os ensaios ocorram naturalmente durante esse processo de fazer cultural.

4.5.4 Registros

Quanto aos registros das músicas, os foliões informaram que os grupos não costumam escrever as músicas, mas existem registros gravados. Placa diz que se preocupa em gravar pra deixar pros outros:

(...) sempre assim grava no cd, eu gravo no cd pra ficá pra ês, né, eu fiz 300 cd, eu num tem nenhum, ês tem eu num tem (C.E.P., p.12).

Para Placa, não é necessário escrever no papel as músicas, pois é tudo oral, uns aprendem com os outros:

É, tudo é, ês aprende comigo, e amanhã se eu vim a faltá, já tem substituto, pra mim (C.E.P., p.12).

João também diz que a folia não tem partituras das músicas e nem registro em papel, só em DVD (C.E.J., p.20). Mas tem em papel, letra de músicas dele (C.E.J., p.20).

A existência do registro em filmagem, também é mencionada por Zé Arruda, que comenta que muitas pessoas filmam (C.E.J.A., p.28). Na lembrança dele não existem outros tipos de registros. Mas pode ocorrer de alguma pessoa escrever os versos

completos criados pelo capitão de sua folia, para preparar e não esquecer na hora que for cantar.

Cunhece, é, ais vêiz quando é uma toada nossa quando o capitão cria, ele as vêiz tira pra gente prepará os verso né, pra num errá na hora que fô cantá, pra ficá mais bunito né, se o capitão cantá um verso e a gente num cantá ele completo, vai faltá alguma coisa, alguém ta ouvindo mais vai, normalmente tem que cantá certo (C.E.J.A., p.28).

Apesar dos foliões não terem conhecimento da existência de partituras de folias, consegui com Antônio Carlos Marques, diretor de cultura popular da Fundação Cultural de Uberaba, a cópia do livro de partituras “Folias de Reis Resgate e Registro” publicado em 1996 pela Fundação Cultural - Prefeitura Municipal de Uberaba, com apoio da Casa do Folclore e do Conselho de Participação Afro-Brasileiro, em uma edição patrocinada pelos Recursos de Incentivo à Cultura. Antônio Carlos fala sobre a importância deste trabalho:

As companhias/ternos de Reis surgem, desaparecem, reaparecem, mas não há intervalo para a tradição. Por isso a importância deste registro das Folias de Reis de Uberaba. Este trabalho não só leva a muitos a oportunidade de saber de sua existência, como também a de possuir em mãos este rico material de pesquisa que, certamente, alimentará, em muitos, a vontade de vivenciá-las “in loco”, ou servir de referência para professores de escolas de Música, Conservatórios e Universidades (FOLIAS DE REIS, 1996, p.01).

Para o trabalho técnico de pesquisa deste livro, foi convidado o violeiro nascido em Campina Verde, cidade do Triângulo Mineiro, que mora em Brasília/DF e é professor de viola caipira na Escola de Música de Brasília, Roberto Nunes Corrêa. Roberto explica que:

Na execução do trabalho, observamos que a escrita musical, por mais rigorosa que seja, não consegue traduzir o que realmente acontece musicalmente. As nuances vocais como: os timbres, as semitonações, os variados tipos de portamento, os glissandos, etc., são muito peculiares (FOLIAS DE REIS, 1996, p.01).

Roberto sugere que para resgatar a verdadeira linguagem musical, é necessário acompanhar o trabalho em partitura, com um disco de toadas e melodias.

Podem-se detectar algumas características comentadas pelos foliões, observando partituras deste livro (APÊNDICE B).

4.6 MUDANÇAS ATUAIS - FOLIA ONTEM E HOJE

Os foliões contam sobre certos pontos de quebras com o antigo dentro dos grupos de folia, alguns pontos mudaram pra melhor. Francisco conta que em relação à fé, a variedade de religiões que surgem, faz com que as folias não sejam aceitas em certos locais que chegam:

Bão, eu creio que mudou bastante, por causa das religião, porque tem muita religião vindo né, então naquela época que nós andava quando começô, já era outra coisa, e hoje lá vai muito modificando né, que, tem lugar que cê chega e eles num gosta de recebê Santos Reis. Então a gente já sabe os esquema tudo, né, cumé que funciona (C.E.F., p.6-7).

Apesar de fatores religiosos estarem interferindo nas performances de folia, Zé Arruda acredita que a palavra de Deus é perfeita, e toda religião é bem vinda:

(...) eu acho que é assim, a religião ela tem, hoje ela é diversiada, cada um segue uma seita que ele acha que tá muito boa pra ele, e a diferença ta'li, acho que não, a palavra de Deus ela é perfeita, acho que toda a religião ela é bem vinda né, (...) (C.E.J.A., p.28).

Em relação à participação feminina, o folião Zé Arruda, de Uberlândia, narra que antes se achava que a mulher não tinha que participar, mas hoje esse pensamento e práticas mudaram, é comum ver mulheres participando das folias:

(...) só que antigamente, o povo preservava né, muitas coisa assim eles achava que a mulhé num tinha que tá participando, tinha que tá, mas hoje não, hoje a mulhé ela tá em toda parte, com a qualidade delas de ser e de aprendê fazê, e aprende e faiz (C.E.J.A., p.27).

Zé Arruda diz que outro ponto que mudou, é que antes ocorriam disputas entre folias, mas hoje não ocorre mais:

Já mudô muito, que hoje o grupo de fulia de reis num é igual antigamente, que antigamente era se saísse dois um grupo de fulia de reis encontrasse outro numa estrada, ês disputava, ês disputava e quem vencesse tomava a, os prêmio da outra fulia tudo, e aí irmanava tudo junto numa só. E hoje num existe isso mais, a gente vem num encontro de bandeira assim ó, pra mostrá, pra cantá um pouco da história dos reis, na apresentação, é sem, é sem disputa, num é uma

disputa de prêmio, num é uma disputa de poder, é um dom de ser, de qualidade de cumpanhá a tradição né (C.E.J.A., p.27).

Somente este folião fez este tipo de relato, ficando a dúvida se isto realmente ocorria entre os outros foliões entrevistados, ou se foi uma característica específica de uma situação vivida por este folião de Uberlândia.

O folião Francisco, fala que não é fácil manter um grupo de folia, porque o pessoal hoje está mudando tudo, mas ele mesmo, na idade de 64 anos, nunca faltou um ano com a folia (C.E.F., p.2). E afirma que:

(...) as companhia de reis, se num tivé umas pessoa assim, pra pegá bunito meso assim, tê firmeza, principalmente pra capitão, é difícil, é complicado (C.E.F., p.7).

Francisco relata que a folia dele funciona bem, não usa bebida, todos são pontuais e honestos:

Bom, procê tê, mantê uma companhia de reis cê tem que lutá né, agora, é igual cê fazê uma dupla sertaneja, num, dá modo o outro, cê mexer com pessoal viu, folião é difícil cê mantê uma companhia de reis igual eu faço a minha companhia aqui, que graças a Deus, num tem dificuldade não. É tudo pontual, é honesto, num tem bebida. É uma coisa que eu gosto muito na folia, num gosto é tê bebida na companhia de reis, num pode (C.E.F., p.5).

Placa menciona o que ele acha importante pra dar certo um grupo de folia:

É, é assim, a perfeição na cantoria né, num cantá fora, ir tudo no ritmo certim, num aceitá bebida também, isso é muito importante (C.E.P., p.13).

O violeiro João, conta que, além de às vezes ter folião que combina e falta, acontece também de algum chegar bêbado:

Ih, isso aí é até difícil dizer, porque é falta de folião, as vêiz trata e num vai, folião que chega meio bêbado né, então isso aí já aconteceu muito dentro do meu grupo e eu tive que dispensar, e briga também, de senhoras também (C.E.J., p.18).

Uma dificuldade que ocorre, é em relação às vozes, conta João que, apesar de aprenderem pelo ouvido, às vezes acontece de amontoar e a cantoria não ficar boa, talvez falte um pouco de orientação:

(...) a gente vê muito por aí, que as vêiz o embaixadô, não sei se culpa dele ou não, ele num orienta as pessoas que está no grupo, a fazer a cantoria ali, de acordo, uma voz com a outra, seguido direitinho, né, então muitos, as vêiz, amontoa, muitas vozes, em um tom só, isso aí a gente vê muito por aí, talvez seja falta de orientação (C.E.J., p.19).

O folião Placa relata sobre a continuidade da prática de folia, mesmo com o falecimento de foliões de folia que já teve:

(...) eu já tive companhia de reis, perdi muitos folião meu que já faleceu, mas, toda vida, graças a Deus, os filho deles tão me ajudando, a mesma coisa. Então vai indo, até Deus achar que eu mereço (C.E.P., p.9-10).

Placa coloca como positivas as novas posturas dos foliões atuais, e as inovações tecnológicas que também influenciam para melhor:

É, o tipo de instrumento, a gravação, os cumpanheiro é mais firme também. Antigamente os véim era muito chei de estória (...) Tinha bebida, e a gente num podia falá nada que os velho achava ruim, hoje não, a gente cunversa, pessoal tudo obedece, tá esse moço aqui que, trabalha cu'a gente de motorista, ele sabe cumé que é a turma tudo, todo mundo obedece (C.E.P., p.13).

Os foliões aprovam o auxílio que a tecnologia traz para as folias, principalmente por meio das possibilidades de registros gravados em Fitas Cassete, LP, CD e DVD. E com isso possibilita o avanço das folias para melhor, como afirma Placa (C.E.P., p.12), e também Francisco:

A gente, o pessoal inté já gravou o disco aqui de nossa companhia, até da Fundação Cultural do Gilberto, teve uma época que eles gravô um disco, quando era o LP né, cê deve lembrá daquele LP que saiu, mas eu acho que nem existe ele mais, porque, tem muitos ano já né. Então a gente grava fita, faiz um cdzim. A gente faz o cd, o DVD que a gente ganha, nos encontro de reis aí a gente ganha (C.E.F., p.6).

João, conta que tem DVD gravado, não só da sua folia, mas quatro folias no DVD que trouxe para vender no encontro (C.E.J., p.20) (APÊNCICE C). Valorizando

também a importância da internet, sorrindo, João faz um pedido pra divulgar o trabalho dele no meio virtual.

Então, a gente só pede a você, que você, se você puder pra, levar também até a, essas nossas folias de reis também pra internet quem sabe, ânh?! (C.E.J., p.21)

João me dá de presente o CD da dupla dele com Zé Arruda, “Os Triangulinos”. Neste CD de músicas caipiras, João toca violão, Zé Arruda toca viola caipira, e na sanfona a participação de Barcelino (APÊNDICE C).

Ouvindo os foliões entrevistados, verifica-se que a viola tem papel importante na permanência da Folia de Reis como uma tradição que precisa ser mantida, e os encontros colaboram muito nessa manutenção.

5 BREVE DISCUSSÃO

Pesquisar o saber, o cantar e o viver de nosso povo, leva à reflexão sobre a importância de se conhecer esse universo não privilegiado em nossa sociedade. Brandão (2009) coloca que ainda conhecemos pouco de nossas manifestações culturais:

(...) entre os dias da vida cotidiana e os da festa, como as lendas, os contos, os mitos, e mais ritos e rituais dos festejos e das celebrações, entremeadas com as criações de artes e artesanato de múltiplas culturas sem fundo, de tão férteis e fecundas, sobre as quais, depois de tanto tempo e tanto estudo, conhecemos ainda tão pouco (BRANDÃO, 2009, p.18).

Os violeiros foliões entrevistados foram muito prestativos e atenciosos. Durante o trabalho de observação e entrevistas, procurou-se levar em consideração o que diz a autora André (2007):

(...) o trabalho etnográfico deve se voltar para os valores, as concepções e os significados culturais dos atores pesquisados, tentando compreendê-los e descrevê-los e não encaixá-los em concepções e valores do pesquisador (ANDRÉ, 2007, p. 46).

As falas dos violeiros foliões transmitem uma idéia de que a forte tradição presente requer mais devoção, fé e comprometimento, do que ser um virtuose no instrumento. Como afirma o folião João, por exemplo, dizendo que a fé está em primeiro lugar, depois a dedicação e a firmeza de manter o grupo (C.E.J., p.16-17).

Os foliões levam muito a sério participar de um grupo de Folia de Reis, percebe-se que isto vem de uma tradição que naturalmente já faz parte de sua identidade cultural. Francisco coloca que a origem da importância da viola na Folia de Reis vem desde a visita dos reis magos ao nascimento do menino Jesus, pois, segundo ele, os três reis caminharam com uma viola, um triângulo e uma caixa (C.E.F., p.4). Francisco começou a tocar viola caipira pra acompanhar as folias, e diz que é uma tradição que tem que ter (C.E.F., p.1).

Participar de um grupo de Folia de Reis envolve práticas, saberes e valores. Os depoimentos dos foliões são repletos de significados, e comprovam a importância de se pertencer a uma comunidade de prática abordada por Russell (2006). Ficou claro que participar de uma Companhia de Reis faz o folião se sentir honrado, muito feliz e

gratificado por Deus e por Santos Reis, João é um dos foliões que reforça isso (C.E.J., p.17).

Observa-se o caráter dinâmico cultural abordado por Laraia (1996) em que ele também nos fala que a cultura é resultante de aprendizagem, através da socialização em que o indivíduo se integra ao grupo que convive.

Normalmente, o aspecto que mais chama a atenção na folia, são as várias vozes do canto, com características bem peculiares, que surpreendem e encantam e emocionam a todos. Em depoimento dos foliões é afirmado que nas performances dos grupos é natural que pessoas chorem de emoção.

Encontros de Folias de Reis acontecem durante todo ano, fortalecendo assim a identidade cultural e vivência entre os foliões. No caso da cidade de Uberaba, essa resistência cultural completa já 55 anos de Festival de Folia de Reis.

Sobrevivendo à evolução industrial, resistindo ao processo de globalização e ao poder com que atua a indústria cultural nos meios de comunicação de massa, o Festival de Folias se estabeleceu no calendário da cidade (50 ANOS, 2008).

Sobre a valorização da cultura popular, Brandão (1995), faz uma colocação bem coerente. Repleta de tradições, que vem se mantendo em nossa sociedade, o saber popular vem deixando de ser considerado um estágio anterior e inferior de cultura. Brandão (1995) acredita que esse valor deve tornar-se, na ação pedagógica, fonte de inspiração da correção necessária dos desvios da cultura ilustrada, erudita:

Ao reconhecerem no bojo de sua “descoberta”, uma relação inevitável entre uma tradição culta, erudita e regida pela razão, e uma tradição popular, simples e regida pela sensibilidade, o ideal romântico realiza uma outra inversão importante. Nela, o “popular” deixa de ser uma espécie de estágio anterior e inferior de cultura que a razão ilustrada supera na Europa, para tornar-se um valor dado pela ancestralidade, pela manutenção intencional da tradição, lugar do que é autêntico por ser ainda puro. O valor popular deixa de ser o resquício de cultura a ser culturalmente superado, inclusive por uma ação pedagógica, para tornar-se fonte de inspiração da correção necessária dos desvios da cultura ilustrada, erudita (BRANDÃO, 1995, p.112).

Em nossa sociedade, diferentes grupos socioculturais convivem em espaços diferenciados onde somente têm acesso os considerados iguais, e não só multiplicam-se as grades, os muros, as distâncias, não somente físicas como também afetivas e

simbólicas entre as pessoas e grupos de identidades culturais diferenciadas (CANDAU, 2008).

Conceber na educação musical um espaço de crítica e produção cultural, “não se trata simplesmente de introduzir nas escolas as novas tecnologias de informação e comunicação e sim dialogar com os processos de mudança cultural, presentes em toda população” (CANDAU, 2008, p.34). Complementando o pensamento desta autora, penso que devemos dialogar com as culturas tradicionais para o conhecimento e valorização de nossa cultura brasileira.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de investigar, sob o ponto de vista de violeiros foliões, as características do processo de aprendizagem e performance da viola no contexto da Folia de Reis, realizei essa pesquisa de campo com observação participante buscando ir nas origens, e por este motivo, foram realizadas entrevistas em um encontro de Folia de Reis em que estivessem presentes folias que mantêm a tradição durante décadas. Essas entrevistas colaboraram para alcançar os objetivos específicos, e revelaram características sobre a aprendizagem e a performance da viola.

Vários pontos são identificados referentes ao primeiro e segundo objetivos específicos: apontar como os violeiros foliões percebem seu processo de aprendizagem na Folia de Reis, suas estratégias e formas de apropriação e transmissão de conhecimentos; identificar os significados que motivam essa aprendizagem.

Verifica-se como a identidade e os valores são criados em comunidades, e essas comunidades são também ambientes de aprendizagem. O aprendizado e a performance na folia, muitas vezes acontece dentro da família, o pai passa pra filho, o filho passa pra neto, e assim vai seguindo. Assim como ocorreu em minha vida, os foliões entrevistados iniciaram o contato com as Folia de Reis no berço familiar.

A aprendizagem informal da viola está presente entre os foliões entrevistados. Os violeiros aprendem a tocar sozinhos, em duplas ou participando de grupos. Os foliões contam que aprendem também observando o outro, “de cabeça” (de memória), às vezes com auxílio, mas sem um conhecimento teórico. A linguagem oral permeia a aprendizagem e performance da viola, contudo, os quatro violeiros foliões entrevistados acreditam que o estudo mais aprofundado da viola caipira é importante, um estudo que passe por aulas sistematizadas.

Apesar desse pensamento, ficou claro, através dos depoimentos, que participar das folias vem de uma forte tradição que requer mais devoção, fé e comprometimento, do que ser um virtuose no instrumento.

Durante o ano todo, as folias participam de encontros de Folia de Reis, e dessa forma, estão sempre tocando, não necessitando de ensaios, pois se consideram treinados, com exceção, de às vezes existir um breve treino pra participar de alguma folia de outro colega. Este treino ocorre naturalmente, por estarem inseridos em um grupo que sempre estão praticando, ou seja, inseridos em uma comunidade de prática.

Existem formas de cantar e tocar folias, variando os tipos de toadas e ritmos entre mais lentos e mais ligeiros. Há semelhanças entre o toque da folia de reis e a música caipira, cururu, valsa e toada. As afinações de viola dentro das folias variam conforme o grupo. Dentre os entrevistados, se usa a afinação “cebolão” e a “rio abaixo”.

Tradicionalmente, a folia de reis é formada pelos instrumentos que variam entre: viola caipira, violão, caixa (tambor de folia), cavaquinho, pandeiro, triângulo, sanfona (acordeom), rabeca, chocalhos, reco-reco e outros. Durante o Encontro em Santa Rosa de Lima, dentre as diversas folias observadas, apenas uma delas não tinha viola caipira, e somente em uma folia, observei a participação do saxofone. Além da viola caipira e do canto, é comum os violeiros foliões tocarem também outros instrumentos.

Mulheres, jovens e crianças estão sempre presentes nas festas de folias de reis, e muitas das folias os têm integrados nos grupos, com funções variadas, dentre elas, cantando e tocando instrumentos diversos e carregando a bandeira.

A improvisação de versos e solos permeia a performance na folia, em cima de acordes básicos. Durante minha observação no evento, pude presenciar essa prática, com um capitão de folia improvisando versos pra santo Reis abençoar o meu trabalho e a minha presença no encontro.

Em relação ao terceiro objetivo desta pesquisa, identificar formas de memorização oral ou de registro (gravados ou escritos) da performance na Folia de Reis, os foliões informaram que os grupos não costumam escrever as músicas, mas existem registros gravados em CD e DVD. Existe a preocupação em gravar “pra deixar pros outros”, mas não acham necessário escrever no papel as músicas, pois é tudo oral, uns aprendem com os outros. Pode ocorrer de alguma pessoa escrever os versos completos criados pelo capitão de sua folia, para preparar e não esquecer na hora que for cantar.

È desconhecido pelos violeiros entrevistados, a existência de partituras das músicas das folias. No entanto há registro de músicas no livro “Folias de Reis Resgate e Registro” publicado em 1996 pela Fundação Cultural de Uberaba, um bom material de pesquisa contendo partituras escritas em cima da música de folias recolhidas na região.

O quarto objetivo, investigar sobre a continuidade de transmissão, permanência e transformação do uso da viola nas folias de reis, trouxe a conclusão de que os foliões entrevistados abordam a Folia de Reis como uma tradição que precisa ser mantida, e a viola é imprescindível nessa permanência. A viola caipira está sempre presente, é o

instrumento usado pelo folião embaixador, o capitão da folia, o que puxa os versos na cantoria.

Os foliões mostram claramente a importância da realização dos encontros na manutenção da tradição das Folias de Reis. Esses encontros ocorrem por toda a região em cidades e arraiais, durante o ano todo, e não somente no ciclo de Natal. Os foliões valorizam também a gravação de CDs e DVDs, assim como a postagem de vídeos na internet.

Algumas questões emergiram durante o trabalho e podem ser objetos de futuros estudos. A participação de mulheres tocando a viola caipira foi uma dessas questões que pode ser aprofundada. Na observação realizada não vi nenhuma mulher tocando viola, mas outros instrumentos. No entanto os foliões informaram que as mulheres tocam qualquer instrumento.

A viola caipira é um dos instrumentos ensinados em várias Escolas de Música no Distrito Federal e em outros estados. É importante, para todos os estudantes interessados nesse instrumento, conhecerem sobre as práticas desse instrumento, em grupos tradicionais, como as Folias de Reis.

Concluindo, acredito que nós educadores devemos promover a pesquisa das diferentes linguagens e produtos culturais, procurando valorizar a nossa cultura de raiz, bem como favorecer experiências de produção cultural e de ampliação do horizonte cultural dos alunos. Acredito que trabalhos como este colaboram com o enriquecimento das propostas pedagógicas de ensino da viola caipira e de outros instrumentos presentes nas manifestações de nossa cultura popular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Cláudia; Câmara, Nathalie Bernardo da. *Festa do Divino - As Folias de Planaltina - Distrito Federal*. FAC - Fundo da Arte e da Cultura - Secretaria de Estado de Cultura do DF. Ministério da Cultura. Cateretê - Associação Artística e Cultural de Planaltina - DF, Planaltina - DF, 2009.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. *Etnografia da Prática Escolar*. Campinas: Papyrus Editora, 2007

ARAÚJO, Rosane Cardoso de; TORRES, Grace Filipak. Comunidade de prática musical: um estudo à luz da teoria de Etienne Wenger. *Revista Científica/FAP*, Curitiba, V. 14, n.1, p. 1-23, jan./jun. 2009.

ARAÚJO, Alceu Maynard de. A Viola Cabocla. *Revista Sertaneja*, números 4, 5, 6, 7, 8, 9, 13 e 14, de julho de 1958 a maio de 1959. Disponível em: <http://www.widesoft.com.br/users/pcastro4/viola.htm>. Acesso em: 07/12/2011

AZEVEDO, Maria Cristina de Carvalho C. de. *Apostila: Introdução à Pesquisa em Música: instrumentos de coleta de dados*. Brasília: UnB, Material Didático, 2009

BORGES, Joaquim. Documentário: *Folias de Reis no Brasil Central*. Apoio Embrafilme, E. Juruna - Produções Cinematográficas, Uberaba, década de 70

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O saber, o cantar e o viver do povo*. São Paulo: Coleção Cadernos de Folclore, 19º volume, 2009

_____. *Em Campo Aberto*. São Paulo: Cortez Editora, 1995

_____. *SARCEDOTES DE VIOLA - Rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Editora Vozes, Petrópolis, 1981.
http://sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/sacerdotes_viola.pdf
acesso 13/02/2013

BUDASZ, Rogério. *A Música do Tempo de Gregório de Mattos - Música Ibérica e Afro-Brasileira na Bahia dos séculos XVII e XVIII*. Curitiba: Editora do Departamento de Artes da Universidade Federal do Paraná, 2004

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas*. Edusp-Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo 2008

CANDAU, Vera Maria e MOREIRA, Antônio Flávio (orgs) *Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Capítulo 1: Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. Petrópolis: Editora Vozes, 2008

CISLAGHI, Mauro César. A Educação musical no Projeto de Bandas e Fanfarras de São José (SC): três estudos de caso. *Revista da ABEM - Associação Brasileira de Educação Musical*, V.19, N.25, (63-75), Londrina: 2011

CORRÊA, Roberto Nunes. *A Arte de Pontear Viola*. Ministério da Cultura. Projeto Três Américas - Associação Cultural. Brasília – Curitiba: Ed. Autor, 2000

FOLIAS DE REIS Resgate e Registro. Pesquisa e transcrição de partituras: Roberto Nunes Corrêa. Uberaba: Fundação Cultural de Uberaba, 1996

GREEN, Lucy. *Music, Informal Learning and the School: a new classroom pedagogy*. Aldershot: Ashgate, 2008.

LACORTE, Simone e GALVÃO, Afonso. *Processos de aprendizagem de Músicos Populares: um estudo exploratório*, 2007.

http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista17/revista17_artigo3.pdf
acesso 21/02/2013

LARAIA, Roque. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996

LEANDRO, José Dário. *Da Poesia Épica à moda-de-viola: uma aliança inseparável entre literatura e música*. Dissertação. Instituto de Letras. Universidade de Brasília, 2011.

LIMA, Maria Helena de. Educação Musical em Comunidades: o relato de uma experiência e perspectiva de trabalho junto às classes populares. In: Educação Musical: Transitando entre o formal e o informal. SPEM - 7º Simpósio Paranaense de Educação Musical, Londrina: *Anais* 2000

MARCHI, Lia; Saenger, Juliana; Corrêa, Roberto. *Tocadores, homem, terra, música e cordas*. Olaria projetos de arte e educação. Ministério da Cultura/Petrobras. Gráfica Editora Pallotti. Edição Brasil 2002

MARQUES, Dércio. Fulejo s.d. 1 CD

MESTRES DA VIOLA, Uma viagem musical pelo rio São Francisco. Associação Nacional dos Violeiros do Brasil, Belo Horizonte: 2011. 1 DVD

NEIVA, Ivany Câmara. *Devoção na Folia: comunicação popular, permanências e transformações*. Intercom- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29/08 a 02/09/2007 <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0195-2.pdf> Acesso em: 13/02/2013

NOS BRAÇOS da Viola. TV Brasil, Laranjeiras Produções - Belo Horizonte: 2009. 1 DVD

OLIVEIRA, Allan de Paula. *O TRONCO DA ROSEIRA Uma antropologia da viola caipira*. Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação. 2004. Disponível em: <http://www.musa.ufsc.br/allan.pdf>, Acesso em: 13/02/2013

PESSOA, Jadir de Moraes; Félix, Madeleine. *As viagens dos Reis Magos*. Goiânia: UCG – Universidade Católica de Goiás, 2007

RIACHÃO, Zé Côco do. *Vôo das Garças*, s.d 1 CD

RUSSELL, Joan, Perspectivas socioculturais na pesquisa em educação musical: experiência, interpretação e prática. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 14, 7-16, mar.2006

SILVA, Deny de Paula. *Eu e Minha Viola*. 2011

SOARES, Nelson Souza. Pequenos e Grandes Mestres de Folia: Uma Análise do Processo de Ensino-aprendizagem Musical em um Terno de Folia. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM E CONGRESSO REGIONAL DA ISME NA AMÉRICA LATINA, 16, 2007, local, *Anais*. local: UFMS, 2007 Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2007/Data/html/pdf/art_p/Pequenos%20e%20Grandes%20Mestres%20de%20Folia.pdf Acesso em: 13/02/2013

SOUZA, Andréa Carneiro (organização). *Viola Instrumental Brasileira*. Ministério da Cultura/Petrobras. Rio de Janeiro: ARTVIVA editora, 2005

SOUZA, Jusamara. Sobre as múltiplas formas de ler e escrever música. In: *Ler e escrever, compromisso de todas as áreas*. Porto Alegre: UFRGS, 2006

SZYMANSKI, Heloisa (org.); Almeida, Laurinda ramalho de; Prandini, Regina Célia Almeida Rego. *Entrevista na Pesquisa em Educação – a prática reflexiva*. Brasília: Liber Livro Editora Ltda, 2011

VILLA-LOBOS: o índio de casaca. Direção: Roberto Feith. Roteiro e texto: Álvaro Ramos. Apresentação: Paulo José. Produção: Rede manchete e Metavídeo. Gênero: Documentário. Rio de Janeiro: Manchete. Filme, 1 videocassete, VHS, son., color. (120 min) 1987

VILELA, Ivan. *A Viola*. Ensaio elaborado especialmente para o projeto Músicos do Brasil: Uma Enciclopédia, patrocinado pela Petrobras através da Lei Rouanet. 2008-2009, disponível em: <http://www.ivanvilela.com.br/pesquisador/ivanvilela-aviola.pdf> Acesso em: 13/02/2013

50 ANOS - Festival de Folias de Reis de Uberaba. Fundação Cultural de Uberaba. Diretor: Dudu Ferreira. Texto: Lisete Resende. Produção Vídeo: Digital Vídeo Produções. Uberaba: Prefeitura Municipal de Uberaba e Fundação Cultural de Uberaba. Uberaba: 2008. 1 DVD, son., color

APÊNDICE A – MODELO DE TABELA: REVISÃO DE LITERATURA

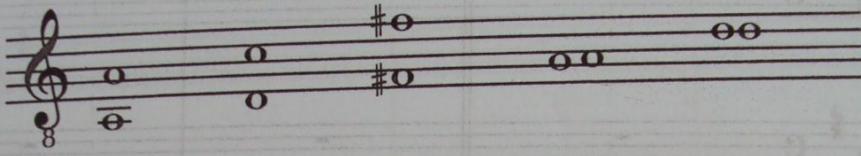
Palavra Chave: viola caipira, folia de reis, aprendizagem informal.						
- Quantidade de trabalhos:						
Artigos, Teses, Dissertações						
Autor	Título	Instituição / Origem	Objetivos	Referencial Teórico	Metodologia (sujeitos da pesquisa, método e técnicas de pesquisa)	Resultados
NEIVA, Ivany Câmara (2007)	Devoção na Folia: comunicação popular, permanências e transformações.	Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29/08 a 02/09/2007	Discutir sobre a continuidade de expressões culturais, transmissão, permanência e transformação ao longo do tempo; Investigar formas de memorização, registro e apresentação dos versos cantados na Folia de Reis, oralmente ou em “tabelas” escritas.	BRANDÃO, 1982. BRANDÃO, 1981 e 2002. Cadernos, manuscritos. CANCLINI, 2000. CASCUDO, 1984. LUYTEN, MARCHI, SAENGER, CORRÊA, 2002. Encarte do Cd Folia de Reis Irmãos Vieira – tradições musicais do Noroeste de Minas. 2003.	Conversas e entrevistas com 4 foliões goianos que giram folia no Entorno do Distrito Federal Revisão literária	Nas últimas décadas as culturas tradicionais se desenvolveram transformando-se; As “tabelas” registram os versos e ordens do ritual de folia de reis, ou estão memorizadas ou escritas e manuscritas em cadernos que vão passando entre as gerações, às vezes corrigindo palavras, mas tentando manter o português caipira, ou seja, se escrever da forma que se fala, para melhor entendimento; Os circuitos de folias, intercâmbio entre foliões de diferentes locais permite os foliões participarem de folias em locais onde não residem; Na folia dos Irmãos Vieira há o cuidado de se manterem os laços entre as gerações;

APÊNDICE B – PARTITURAS DE FOLIAS E AFINAÇÕES DE VIOLA

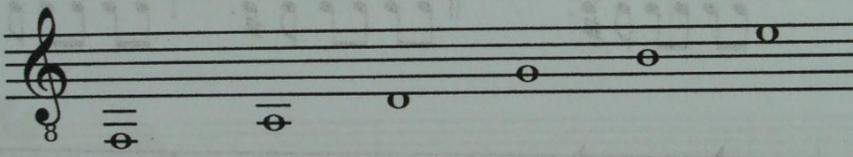
Folia de Reis/Uberaba-MG

Capitão Maurício Marcelino Gonzaga
Saudação à Dona da Casa

• **Afinação da Viola:**



• **Afinação do Violão:**



• **Vozes**

Capitão - Maurício Marcelino Gonzaga
 1ª Voz - José Miguel da Silva
 2ª Voz - Adelmo de Almeida Silva
 3ª Voz - João Batista da Silva
 4ª Voz - Valdevino Onei da Silva
 5ª Voz - João Batista Silva da Cruz
 6ª Voz - Nilo Salvador da Silva

• **Gravação:**

Recolhido no dia 18 de Agosto de 1996, no Encontro de Foliás de Reis-Uberaba-MG, por Roberto N. Corrêa, Marise e Iraídes T. Madeira.

Transcrição para pauta: Roberto N. Corrêa
Cópia: Ricardo Dourado Freire

Folia de Reis/Uberaba-MG

Capitão Maurício Marcelino Gonzaga

Saudação à Dona da Casa

$\text{♩} = 63$

Capitão

Ôi, que três ho - me se - rão a - que - les ai, que en-

Voz 1,2

Voz 6, 5, 4, 3

Viola

G⁷ D7 G⁷ D7 C

Caixa

Cap.

vem be ran - do mar Ôi, que en - vem be - ran - do

1 e 2

6, 5, 4, 3

Via

C G D7

Caixa

Folia de Reis/Uberaba-MG

7

Cap. mar

1 e 2 mar

6, 5, 4, 3

Via G D7 G D7 G

Cxa

Ói. que três

10

Cap.

1 e 2

6, 5, 4, 3

Via G G7 C G C

Cxa

ho - me se - rão a - que' Ói, que en - vem be - ran - do

Folia de Reis Uberaba-MG

13

Cap

1 e 2

mar Ôi, que en - vem be - ran - do mar, ai -

6. 5. 4. 3

G G D7

Via

Cxa

16

Cap

1 e 2

6. 5. 4. 3

G. D7 G. D7 G. D7

Via

Cxa

Folia de Reis/Uberaba-MG

Versos da "Saudação à Dona da Casa" fornecidos pelo Cap. - Maurício Marcelino Gonzaga

I

Ai, que três homens serão aqueles
que envem berando o mar
E o glorioso rei Brechó,
o rei Gaspar e o Baltazar

III

Ó minha nobre dona de casa
vem abrir porta celente
pra receber a santa bandeira
ai, dos treis reis do oriente

V

Ai, arrecede a santa bandeira
ai que está na vossa frente
é o retrato de Maria
ai o menino onipotente

VII

Ai, minha pobre dona de casa,
ai, leve a bandeira lá dentro
prá visitar quarto por quarto
ai todos cantos lá dentro

IX

Ai Deus lhe pague o belo agrado
que ofereceu aos folião
menino Deus que le ajude
ai os três reis põe a benção

XI

Ai, os três reis tá de viagem
ai, eles vieram do oriente
ai, nós partimos com alegria
quero deixar todos contente

II

Ai, ô de casa ai ô de fora
ai ô de dentro quem será
ai ô de fora é o Santo Reis
que veio le visita

IV

Ai boa noite dona da casa
ai, como vai e tem passado
viemos trazer lembrança
do nascimento sagrado

VI

Ai, tam'bem peço vossa licença
ôi prá entrar em sua morada
prá derramar a santa benção
deixa a casa abençoada

VIII

Ai, minha nobre dona de casa
ai, filha da Virgem maria
ai, o favor que vos le peço
Oi traga nossa santa guia
ai, ela é nossa companheira
e a estrela que nos guia

X

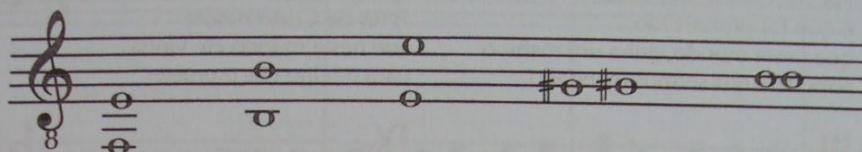
Ai, mais depois que dispidiu
agora vou convidá
ai, dia seis de janeiro
ai, temos um terço prá rezar
ai, os três reis convida a todos
ai e pede prá não faltar

Folia de Reis/Uberaba-MG

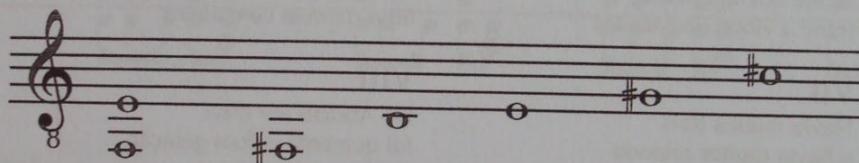
Capitão João Batista de Moraes

Adoração

• Afinação da Viola:



• Afinação do Violão:



• Vozes

- Capitão - João Batista de Moraes
 1ª Voz - Joel Prado de Melo
 2ª Voz - João Alves da Silva
 3ª Voz - Jonas Melo da Silva
 4ª Voz - José Elias Prado de Melo
 5ª Voz - João Elias Prado de Melo
 6ª Voz - Jânio Elias do Prado Melo

• Gravação:

Recolhido no dia 17 de Agosto de 1996, na residência do Sr. João Batista de Moraes - Uberaba - MG por Roberto N. Corrêa, Marise e Iraídes T. Madeira.

Transcrição para pauta: Roberto N. Corrêa
 Cópia: Ricardo Dourado Freire

Folia de Reis/Uberaba-MG

Versos da "Adoração" cantados pela Folia do Cap. João Batista de Moraes

I

Ai, os três Reis quando chegaro
ai, todos os três admirô
ai, por saber que o Rei das reise
ai, foi nascer na manjedou"

II

Ai, os três Reis era gente rica
ai, tam'bem de muita grandeza
ai, adoraro o menino Deus
ai, levaro muitas riqueza

III

Ai, rel brechó foi o primeiro
ai, quem em Bélém ele adorô
ai, ofertô teuouro em pó
ai, pro menino ele entregô.

IV

Ai, o Rei Gaspar foi o segundo
ai, também feiz adoração
ai, ofertô o teu incenso
ai, com prova de oração

V

Ai, Baltazar foi o terceiro
ai, quem em Belém ele adorô
ai, sua mirra preciosa
ai, pro menino ele entregô.

VI

Nossa senhora agradeceu
ai, os presente que levaro
ai, abençoada seja a estrada
ai, o caminho onde passaro

VII

Ai, os três Reis era profeta
mas nenhum del'era irmão
ai, depois que adorou Jesus ai,
recebeu Santa Benção

VIII

Ai, recebeu Santa benção
por adorar o savadô
ai foi na missa do novo ano
ai, que os três reis santificô.

IX

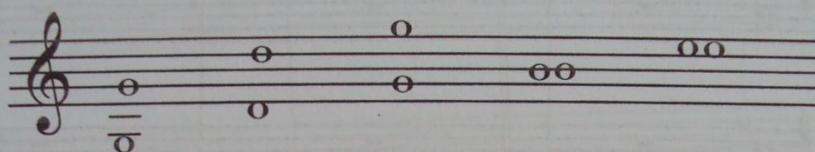
Ai, eles foram santificado
ai, no primeiro do ano
ai, pra contar a bela nova
ai, que formaro a caravana

Folia de Reis/Uberaba-MG

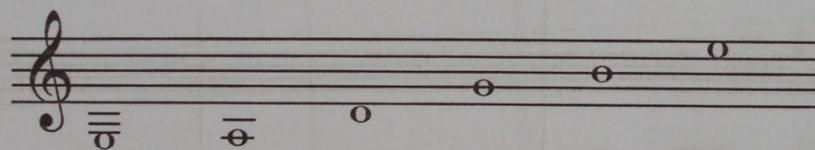
Capitão Jorge Bernardes da Silva

Viagem dos Reis

• Afinação da Viola:



• Afinação do Violão:



• Vozes:

Capitão - Jorge Bernardes da Silva

1ª Voz - ismael Aureliano de Assis

2ª Voz - Antonio José de Oliveira

3ª Voz - Luiz Márcio de Souza

4ª Voz - Carlos Gonçalves de Souza

Rebaixo - Sebastião Gonçalves de Souza

5ª Voz - Euripedes dos Reis Palhares

6ª Voz - José de Paula Domingues

• Gravação:

Recolhido no dia 17 de Agosto de 1996, na residência do Sr. Jorge Bernardes da Silva Uberaba-MG, por Roberto N. Corrêa, Marise e Iraides T. Madeira.

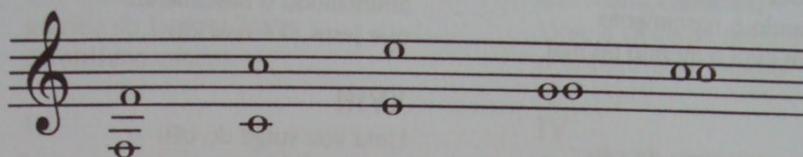
Transcrição para pauta: Roberto N. Corrêa
Cópia: Ricardo Dourado Freire

Folia de Reis/Uberaba-MG

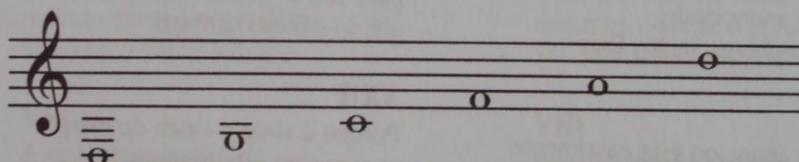
Capitão Paulo José Cury

Coroação

• Afinação da Viola:



• Afinação da Violão:



• Vozes:

Capitão - Paulo José Cury

1ª Voz - Paulo Jorge da Silva

2ª Voz - Paulo José Cury

3ª Voz - Antônio Gonçalves Dias

4ª Voz - Urbano Sirqueira da Cunha

5ª Voz - Paulinho do Cavaquinho

6ª Voz - Paulo Tarso da Silva

• Gravação:

Recolhido no dia 10 de janeiro de 1996, na residência da Sra. Sebastiana Oliva das Dores -Uberaba-MG, por Roberto N. Corrêa.

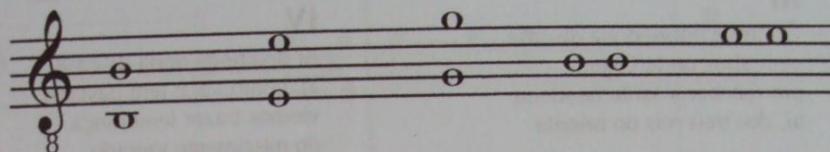
Transcrição para pauta: Roberto N. Corrêa
Cópia: Ricardo Dourado Freire

Folia de Reis Uberaba-MG

Capitão Manoel Telles da Silva

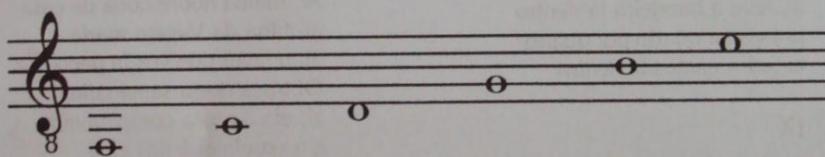
Saudação à Bandeira

• Afinação da Viola:



c

• Afinação do Violão:



• Vozes

Capitão - Manoel Telles da Silva

1ª Voz - Manuel Reis da Silva

2ª Voz - Vilmar dos Reis de Oliveira

3ª Voz - Valter Ribeiro

4ª Voz - Celso Alúcio Oliveira

5ª Voz - Antônio Rivaldo Gonçalves

• Gravação:

Recolhido no dia 22 de Agosto de 1996, na residência do Sr. Manoel Telles da Silva - Uberaba-mG, por Roberto N. Corrêa, marise e Iraides T. Madeira.

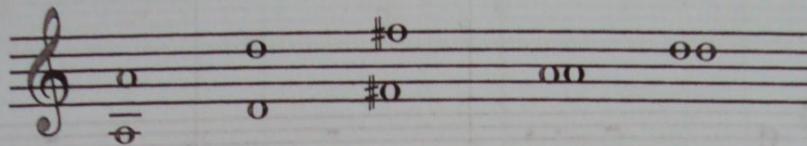
Transcrição para pauta: Roberto N. Corrêa
Cópia: Ricardo Dourado Freire

Folia de Reis/Uberaba-MG

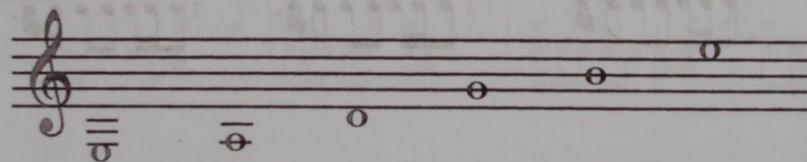
Capitão Evaristo Torquato da Silva

Anunciação do Anjo

• Afinação da Viola:



• Afinação do Violão:



• Vozes:

Capitão - Evaristo Torquato da Silva

1ª Voz - Reinaldo

2ª Voz - Lindomar

3ª Voz - João

4ª Voz - Rio Grande

5ª Voz - Sebastião

6ª Voz - Wosley

• Gravação:

Recolhido no dia 26 de Agosto de 1996, na residência do Sr. Evaristo Torquato da Silva -Uberaba-MG, por Roberto N. Corrêa, Marise e Iraides T. Madeira.

Transcrição para pauta: Roberto N. Corrêa
Cópia: Ricardo Dourado Freire

APÊNDICE C – CAPA DVD 4 FOLIAS E CAPA DE CD



APÊNDICE D – LISTA DE CATEGORIAS

1 - Vivência Musical – Contato e aprendizagem da Viola

1.1 - relação com a vida pessoal, a infância

1.2 – influência de duplas caipiras

1.3 – início do aprendizado com a viola

1.4 - dificuldades pra aprender viola

1.5 – concepção de aprendizagem

1.6- performance

1.6.1 – afinações usadas

1.6.2 – repertório

1.6.3 – composições

1.6.4 - dupla caipira: atuação própria

2 - a Folia Contato e identidade cultural

2.1 – familiar

2.2 – infância

2.3 – religiosidade: devoção/fé - voto /milagre/marco

3.6 - origem da importância da viola na folia

3 – Comunidade de prática - Aprendizagem e performance na Folia

3.1 – versatilidade de funções

3.1.1 – facilidade com o canto

3.1.2 – substituição de cantores

3.2 – tipos de vozes - 7 vozes da folia

3.5 – formas de cantar e tocar folias/giro da folia na cidade e na roça

3.7 – instrumentos na folia

3.8 – toadas de folias

3.9 – função do embaixador

4 - Aprendizagem da viola na Folia

4.1 - Envolvimento pessoal e emocional

4.1.2 – herança familiar

4.2 - Modo de aprendizagem

4.2.1 - memória (de cabeça)

4.2.2 - aprender com o outro

4.2.2.1 –aprendizagem informal/ familiar

4.2.4 – conhecimento teórico

4.3 – Performance

4.3.1 – improvisação/criação - versos/viola

4.3.2 – ritmos

4.3.3 – afinações

4.3.4 – registros

4.4 – facilidades e dificuldades

5 - A Folia e o Grupo

5.1 – participação de jovens

5.2 – participação de mulheres

5.3 – participação de familiares

5.3.1 – devoção infantil

5.3.2 – jovens

5.4 – ensaios

5.5 - pontos positivos

5.6.1- bebidas

5.7 – mudanças atuais, folia ontem e hoje /quebras com o antigo

6 - Impressões sobre a Folia

6.1.1 – festeiros e os reis

6.1.2 - nascimento de Jesus e a folia

6.2 – valor – gosto – concepção – significado - emoção

7 - Percepção de si

7.1 - não profissional, amador

8 – Tecnologias

8.2 – internet

APÊNDICE E

Camiseta do encontro



Fonte: Fotos da autora

Certificado de participação



Fonte: Fotos da autora